

FONTE: <http://littlebookopen.org/books/2300days-sanc-jnandrews.pdf>

O Santuário e os Dois Mil e Trezentos Dias

JN Andrews

“Até dois mil e trezentos dias, então o santuário será purificado.” Dan. 8:14.

PUBLICADO E IMPRESSO
pela Associação Adventista de Publicações Adventistas do Sétimo Dia,
BATLLE CREEK, MICHIGAN, 1872

NOTA DO EDITOR (1872)

Este trabalho foi publicado em 1853 e está esgotado há um número considerável de anos. A edição abreviada foi realmente usada; mas mesmo esta agora está esgotada. Nós achamos melhor republicar o trabalho como foi escrito anteriormente, acreditando ser valioso, especialmente agora para circulação entre os que estavam interessados no grande movimento do advento de 1843-4.

INTRODUÇÃO

Nenhum pedido de desculpas pode ser necessário para a apresentação deste assunto. Aqueles que têm algum interesse no passado do movimento do advento não podem ser senão profundamente interessados na questão de nossa decepção. Examinar essa questão com sinceridade e justiça e expor as razões pelas quais nossas expectativas não foram cumpridas, é o objeto deste trabalho. {1872 JNA, S23D 3.1}

Vários pontos apresentados nestas páginas podem, no entanto, precisar ser notados brevemente. Nas páginas 30 e 31, citamos no Advent Herald uma negação da conexão entre as 70 semanas e 2300 dias por S. Bliss. Mas a justiça ao Élder Himes exige que declaremos aqui que em um número recente do Herald ele reconheceu sua conexão. Referindo-se à primeira palestra que ele ouviu o Sr. Miller proferir, ele fez as seguintes observações: {1872 JNA, S23D 3.2}

“Ele derramou uma enxurrada de luz das escrituras sobre todas as partes de seu assunto, e fechou completamente pela fé, tanto quanto à maneira e ao tempo do segundo advento de nosso Salvador. E embora o tempo passou sem que o evento fosse realizado, nunca fui capaz de resolver o mistério. A conexão das setenta semanas com a visão de 2300 dias ainda parece clara, mas não pode ser harmonizada com o luz que temos agora na cronologia; mas, cumprindo nosso dever, esperamos pacientemente a luz clara do Céu sobre o assunto, na expectativa da realização plena e rápida de tudo o que esperávamos no cumprimento das profecias, tanto quanto à natureza dos eventos e ao tempo de sua realização, no final dos dias. E, em vista disso, somos exortados a não abandonar nossa confiança, que tem grande recompensa, pois precisamos de paciência, que depois de termos feito a vontade de Deus, podemos receber a promessa. Então vigiamos, esperamos e esperamos.” - Advent Herald, fevereiro 26, 1853. {1872 JNA, S23D 3.3}

Que este assunto seja envolto em mistério para aqueles que acreditam que a terra é o santuário, não é estranho; pois, se a conexão entre as 70 semanas e os 2300 dias for admitida, é certo que o período terminou. E se a terra é o santuário, a profecia falhou; pois nenhuma parte da terra tem sofrido uma mudança. Portanto, não há como explicar a passagem do tempo, a menos que neguemos a conexão das 70 semanas e 2300 dias, ou concluamos que a terra pode não ser o santuário. A primeira dessas posições é adotada por S. Bliss. O Élder H., no entanto, ainda admite a conexão dos dois períodos, mas se contenta em chamar nossa decepção de mistério. {1872 JNA, S23D 4.1}

Mas a Bíblia chama a terra de santuário? Isso garante a conclusão de que, ao final do período a terra seria queimada? Ao contrário, por uma massa de testemunhos, não ensina que outra coisa é o santuário do Senhor? E também não ensina um método diferente de limpar o santuário do que pelo fogo? A resposta para essas perguntas será encontrada nas seguintes páginas: {1872 JNA, S23D 4.2}

Nas páginas 62-66, a profecia de Ezequiel (caps. 40-48), respeitando a restauração do Santuário típico é notado. A posição é de que essas bênçãos foram oferecidas a Israel sob certas condições, e que eles pertenciam ao período da dispensação típica. E, além disso, como essas condições nunca foram cumpridas, as bênçãos prometidas nunca foram concedidas a esse povo. As razões para essa visão são apresentadas. O seguinte, do Comentário de Bliss sobre o Apocalipse, páginas 7 e 8, pode ser de valor para o leitor: {1872 JNA, S23D 4.3}

“PROFECIA CONDICIONAL é quando o cumprimento depende da conformidade daqueles a a quem a promessa é feita, com as condições em que é feita. Exemplos: Se andardes nos meus estatutos, e guardardes os meus mandamentos, e os cumprirdes, Então eu vos darei as chuvas a seu tempo; e a terra dará a sua colheita, e a árvore do campo dará o seu fruto;. Lev. 26: 3, 4 ' Mas, se não me ouvirdes, e não cumprirdes todos estes mandamentos, E se rejeitardes os meus estatutos, e a vossa alma se enfadar dos meus juízos, não cumprindo todos os meus mandamentos, para invalidar a minha aliança, Então eu também vos farei isto: porei sobre vós terror, a tísica e a febre ardente, que consumam os olhos e atormentem a alma; e semeareis em vão a vossa semente, pois os vossos inimigos a comerão. Versículos 14-16. E será que, se ouvires a voz do SENHOR teu Deus, tendo cuidado de guardar todos os seus mandamentos que eu hoje te ordeno, o SENHOR teu Deus te exaltará sobre todas as nações da terra. E todas estas bênçãos virão sobre ti e te alcançarão, quando ouvires a voz do Senhor teu Deus. Deut. 28: 1, 2 {1872 JNA, S23D 5.1}

‘Será, porém, que, se não deres ouvidos à voz do Senhor teu Deus, para não cuidares em cumprir todos os seus mandamentos e os seus estatutos, que hoje te ordeno, então virão sobre ti todas estas maldições, e te alcançarão’. Versículo 15. {1872 JNA, S23D 6.1}

Previsões de mera prosperidade nacional, ou adversidade, são geralmente condicionais. Quando a condição não é expressa, está implícita. {1872 JNA, S23D 6.2}

Exemplo. O Senhor disse a Jonas: 'Levanta-te, vai a Nínive, a grande cidade, e prega-lhe o que eu te disser. * * E Jonas começou a entrar na cidade por um dia, e chorou, e disse: Ainda quarenta dias, e Nínive será derrubada. Então o povo de Nínive acreditou em Deus, e proclamou um jejum e vestiu um saco, dos maiores até os menores. * * E Deus viu suas obras, que se desviaram do seu mau caminho; e Deus se arrependeu do mal, que ele havia dito que ele faria a eles; e ele não fez. {1872 JNA, S23D 6.3}

“Para todos os casos desse tipo, o Senhor deu a seguinte REGRA geral: No momento em que falar contra uma nação, e contra um reino para arrancar, e para derrubar, e para destruir, Se a tal nação, porém, contra a qual falar se converter da sua maldade, também eu me arrependerei do mal que pensava fazer-lhe. No momento em que falar de uma nação e de um reino, para edificar e para plantar, Se fizer o mal diante dos meus olhos, não dando ouvidos à minha voz, então me arrependerei do bem que tinha falado que lhe faria. Jer. 18: 7-10. ” JNA {1872 JNA, S23D 6.4}

O SANTUÁRIO

Apresento este como o assunto mais importante para a consideração do povo de Deus, convidamos a atenção sincera e em oração de todos que têm ouvidos para ouvir. É bem entendido por milhares que a grande decepção dos crentes do advento surgiu do fato de que eles acreditavam que a purificação do santuário seria a queima da terra, ou algum evento que culminaria no segundo advento do Senhor Jesus; e, como podiam estabelecer claramente o fato de que os 2300 dias terminariam no outono de 1844, eles olharam com plena certeza de fé e esperança para o glorioso aparecimento do Filho de Deus naquele tempo. Dolorosa e dolorosa foi a decepção; e enquanto o coração dos fiéis estava curvado de tristeza, não faltavam números que negavam abertamente a mão de Deus no movimento adventista e o naufrágio de sua fé. {1872 JNA, S23D 7.1}

Como o assunto do santuário da Bíblia envolve os fatos mais importantes relacionados à nossa decepção, é digna da atenção séria de todos os que esperam o consolo de Israel. Vamos então examinar novamente com cuidado a visão do homem muito amado, registrado em Daniel 8. Chamamos atenção para os símbolos apresentados neste capítulo. Os primeiros símbolos apresentados ao profeta eram: {1872 JNA, S23D 7.2}

A VISÃO DO CARNEIRO - “E levantei os meus olhos, e vi, e eis que um carneiro estava diante do rio, o qual tinha dois chifres; e os dois chifres eram altos, mas um era mais alto do que o outro; e o mais alto subiu por último. Vi que o carneiro dava marradas para o ocidente, e para o norte e para o sul; e nenhum dos animais lhe podia resistir; nem havia quem pudesse livrar-se da sua mão; e ele fazia conforme a sua vontade, e se engrandecia.” Versículos 3, 4. {1872 JNA, S23D 7.3}

A VISÃO DO BODE - “E, estando eu considerando, eis que um bode vinha do ocidente sobre toda a terra, mas sem tocar no chão; e aquele bode tinha um chifre insigne entre os olhos. E dirigiu-se ao carneiro que tinha os dois chifres, ao qual eu tinha visto em pé diante do rio, e correu contra ele no ímpeto da sua força. E vi-o chegar perto do carneiro, enfurecido contra ele, e ferindo-o quebrou-lhe os dois chifres, pois não havia força no carneiro para lhe resistir, e o bode o lançou por terra, e o pisou aos pés; não houve quem pudesse livrar o carneiro da sua mão. E o bode se engrandeceu sobremaneira; mas, estando na sua maior força, aquele grande chifre foi quebrado; e no seu lugar subiram outros quatro também insignes, para os quatro ventos do céu.” Versículos 5-8. {1872 JNA, S23D 8.1}

A VISÃO DO CHIFRE PEQUENO - “E de um deles saiu um chifre muito pequeno, o qual cresceu muito para o sul, e para o oriente, e para a terra formosa. E se engrandeceu até contra o exército do céu; e a alguns do exército, e das estrelas, lançou por terra, e os pisou. E se engrandeceu até contra o príncipe do exército; e por ele foi tirado o sacrifício contínuo, e o lugar do seu santuário foi lançado por terra. E um exército foi dado contra o sacrifício contínuo, por causa da transgressão; e lançou a verdade por terra, e o fez, e prosperou.” Versículos 9-12. {1872 JNA, S23D 8.2}

A VISÃO DO SANTUÁRIO E OS 2300 DIAS. - “Depois ouvi um santo que falava; e disse outro santo àquele que falava: Até quando durará a visão do sacrifício contínuo, e da transgressão assoladora, para que sejam entregues o santuário e o exército, a fim de serem pisados? E ele me disse: Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado.” Versículos 13, 14. {1872 JNA, S23D 9.1}

GABRIEL ENVIADO PARA EXPLICAR ESTA VISÃO

“E aconteceu que, havendo eu, Daniel, tido a visão, procurei o significado, e eis que se apresentou diante de mim como que uma semelhança de homem. E ouvi uma voz de homem entre as margens do Ulai, a qual gritou, e disse: Gabriel, dá a entender a este a visão. E veio perto de onde eu estava; e, vindo ele, me amedrontei, e caí sobre o meu rosto; mas ele me disse: Entende, filho do homem, porque esta visão acontecerá no fim do tempo. E, estando ele falando comigo, caí adormecido com o rosto

em terra; ele, porém, me tocou, e me fez estar em pé. E disse: Eis que te farei saber o que há de acontecer no último tempo da ira; pois isso pertence ao tempo determinado do fim.” Versículos 15-19. {1872 JNA, S23D 9.2}

SÍMBOLO DO CARNEIRO É EXPLICADO - “O carneiro que viste tendo dois chifres é o rei da Média e da Pérsia.” Versículo 20. Então o significado do primeiro símbolo não pode ser mal interpretado. Por ele, o Império Medo-Persa foi apresentado aos olhos do profeta; seus dois chifres denotam a união desses dois poderes em um só governo nesta visão, portanto, não começa com o império da Babilônia, assim como as visões do segundo e sétimo capítulos, mas começa com o império dos medos e persas no auge de seu poder, prevalecendo a oeste, norte e sul, para que nenhum poder pudesse estar diante dele. A explicação do próximo símbolo mostrará que poder derrubou o Império Persa e conseguiu seu lugar. {1872 JNA, S23D 9.3}

SÍMBOLO DO BODE É EXPLICADO - “Mas o bode peludo é o rei da Grécia; e o grande chifre que tinha entre os olhos é o primeiro rei; O ter sido quebrado, levantando-se quatro em lugar dele, significa que quatro reinos se levantarão da mesma nação, mas não com a força dele.” Versículos 21, 22. A explicação deste símbolo também é definitiva e certa. O poder que deveria derrubar os medos e persas, e em seu lugar, ter o domínio da terra, é o império dos gregos. Grécia sucedeu a Pérsia no domínio do mundo em 331 a.C. O grande chifre é aqui explicado como o primeiro rei da Grécia; que foi Alexandre, o Grande. Os quatro chifres que surgiram quando esse chifre foi quebrado denotam os quatro reinos nos quais o império de Alexandre foi dividido após sua morte. O mesmo foi apresentado pelas quatro cabeças e quatro asas do leopardo em Dan. 7: 6. É apresentado também sem o uso de símbolos em Dan. 11: 3,4. Esses quatro reinos foram Macedônia, Trácia, Síria e Egito. Eles tiveram origem em 312 a.C. {1872 JNA, S23D 10.1}

SÍMBOLO DO PEQUENO CHIFRE EXPLICADO - “Mas, no fim do seu reinado, quando acabarem os prevaricadores, se levantará um rei, feroz de semblante, e será entendido em adivinhações. E se fortalecerá o seu poder, mas não pela sua própria força; e destruirá maravilhosamente, e prosperará, e fará o que lhe aprouver; e destruirá os poderosos e o povo santo. E pelo seu entendimento também fará prosperar o engano na sua mão; e no seu coração se engrandecerá, e destruirá a muitos que vivem em segurança; e se levantará contra o Príncipe dos príncipes, mas sem mão será quebrado.” Versículos 23-25. {1872 JNA, S23D 11.1}

Para evitar a aplicação desta profecia ao poder romano, pagão e papal, os papistas têm mudado a interpretação de Roma para Antíoco Epifanes, um rei sírio que não resistiu aos mandatos de Roma. Veja as notas da Bíblia Douay (Romish) sobre Dan. 7: 8; 11. Esta aplicação é feita pelos papistas, para salvar sua igreja de qualquer participação no cumprimento da profecia; e nisto eles são seguidos pela massa de opositores à fé do Advento. Os fatos a seguir mostram que o chifre pequeno não era Antíoco. {1872 JNA, S23D 11.2}

O CHIFRE PEQUENO NÃO ERA ANTÍOCO

1. Os quatro reinos nos quais o domínio de Alexandre foi dividido são simbolizados pelos quatro chifres do bode. Agora este Antíoco era apenas um dos vinte e cinco reis que constituíam a Síria. Como, então, ele poderia, ao mesmo tempo, ser outro chifre notável? {1872 JNA, S23D 11.3}

2. O carneiro, de acordo com esta visão, tornou-se grande; o bode ficou muito grande; mas o chifre pequeno tornou-se extremamente grande. Que absurdo e ridículo é a seguinte aplicação desta comparação: {1872 JNA, S23D 11.4}

*Ótimo. Muito bom. Muito superior. ** {1872 JNA, S23D 12.1}

Pérsia. GRECIA. ANTIOCHU S. {1872 JNA, S23D 12.2}

Quão fácil e natural é o seguinte: {1872 JNA, S23D 12.3}

*Ótimo. Muito bom. Superior e Grande. ** {1872 JNA, S23D 12.4}
Pérsia. GRECIA. ROMA. {1872 JNA, S23D 12.5}

3. O Império Medo-Persa é simplesmente chamado de grande. Versículo 4. A Bíblia nos informa que se estendeu "Da Índia até a Etiópia, mais de cento e sete e vinte províncias." Ester 1: 1. Esse foi sucedido pelo poder grego, que é chamado MUITO GRANDE. Versículo 8. Então vem o poder que é chamado EXTREMAMENTE GRANDE. Verso 9. Antíoco foi muito bom quando comparado com Alexandre, o conquistador do mundo? Deixe um item da Enciclopédia de Religião responder ao nosso conhecimento: {1872 JNA, S23D 12.6}

“Tendo esgotado seus recursos, ele decidiu ir para a Pérsia, cobrar tributos e coletar grandes somas que ele concordou em pagar aos romanos”. {1872 JNA, S23D 12.7}

Certamente não precisamos questionar o que era extremamente grande, o poder romano que exigia o tributo, ou Antíoco, que foi obrigado a pagar? {1872 JNA, S23D 12.8}

4. O poder em questão era “pequeno” a princípio, mas cresceu ou expandiu-se, se tornando “extremamente grande em relação ao sul, e em direção ao leste, e em direção à terra agradável”. O que isso pode descrever além das marchas e conquistas de um poderoso poder? Roma estava quase diretamente a noroeste de Jerusalém, e suas conquistas na Ásia e a África eram, é claro, em direção ao leste e ao sul; mas onde estavam as conquistas de Antíoco? Ele chegou à posse de um reino já estabelecido, e Sir Isaac Newton diz: “Ele não foi além disso.” {1872 JNA, S23D 12.9}

5. Entre muitas razões que podem ser adicionadas acima, mencionamos apenas uma. Esse poder iria enfrentar o príncipe dos príncipes. Verso 25. O príncipe dos príncipes é Jesus Cristo. Ap.1:5; 17:14; 19:16. Antíoco, porém, morreu 164 anos antes de nosso Senhor nascer. Fica estabelecido, portanto, que outro poder é o assunto desta profecia. Os seguintes fatos demonstram que Roma é o poder em questão. {1872 JNA, S23D 12.10}

ROMA É O PODER EM QUESTÃO

1. Esse poder deveria surgir de um dos quatro reinos do império de Alexandre. Deixe-nos lembrar de que as nações não são trazidas para profecia, até que de alguma forma estejam ligadas ao povo de Deus. Roma já existia muitos anos antes de ser notada na profecia; e Roma tomou a Macedônia, um dos quatro chifres do bode da Grécia, parte dela própria em 168 aC, cerca de dez anos antes de sua primeira conexão com o povo de Deus. **Veja 1 Mac. 8.(?)** Para que de Roma pudesse ser verdadeiramente dito estar “fora de um deles”, como se diz dos dez chifres da quarta besta no sétimo capítulo, eram dez reinos criados pelos conquistadores de Roma. {1872 JNA, S23D 13.1}

2. Deveria ser extremamente grande para o sul, para o leste e para a terra gloriosa. (Palestina. Sl. 106: 24; Zc. 7:14.) Isso era verdade sobre Roma em particular. Testemunhamos suas conquistas na África e Ásia, e sua derrubada do lugar e nação dos judeus. João 11:48. {1872 JNA, S23D 13.2}

3. Derrubaria a hoste das estrelas do céu. Isto é previsto a respeito do dragão. Ap 12: 3.4. Todos admitem que o dragão era Roma. Quem pode deixar de ver sua identidade? {1872 JNA, S23D 13.3}

4. Roma era enfaticamente um reinado de semblante feroz, e que pronunciou sentenças sombrias. Moisés usou linguagem semelhante quando, como todos concordam, ele previu o poder romano. Deut. 28:49, 50. {1872 JNA, S23D 13.4}

5. Roma destruiu maravilhosamente tudo. Há testemunha da derrubada de todos os poderes opostos. {1872 JNA, S23D 14.1}

6. Roma destruiu mais “os poderosos e os santos”, do que todos os outros poderes perseguidores combinados. De cinquenta a cem milhões da igreja foram mortos por ela. {1872 JNA, S23D 14.2}

7. Roma se levantou contra o príncipe dos príncipes. O poder romano pregou Jesus Cristo na cruz. Atos 4:26, 27; Mat. 27: 2; Ap 12: 4. {1872 JNA, S23D 14.3}

8. Esse poder deve "ser quebrado sem mão". Quão clara é a referência à pedra “cortada sem mão” que atingiu a imagem de Dan. 2:34. Sua destruição, então, não ocorre até a derrocada final pelo poder terreno. Esses fatos são uma prova conclusiva de que Roma é o assunto dessa profecia. Por um longo período. {1872 JNA, S23D 14.4}

O campo da visão, então, são os impérios da Pérsia, Grécia e Roma. {1872 JNA, S23D 14.5}

Essa parte da visão que agora chama nossa atenção é a hora - o acerto de contas dos 2300 dias. {1872 JNA, S23D 14.6}

OS 2300 DIAS NÃO EXPLICADOS EM DANIEL 8

Gabriel explicou a Daniel o que significavam os símbolos das bestas e dos chifres, mas nesta visão não explica a ele os 2300 dias e o santuário. Portanto, Daniel nos diz no final do capítulo que ele "ficou surpreso com a visão, mas não a entendeu". Existem vários fatos que nos darão alguma luz sobre esse assunto. {1872 JNA, S23D 14.7}

1. É fato que 2300 dias literais (não exatamente sete anos) não cobririam a duração de um único poder nesta profecia, muito menos se estenda sobre todos eles. Portanto, os dias devem ser simbólicos, assim como as bestas e chifres são mostrados como símbolos. {1872 JNA, S23D 15.1}

2. É fato que um dia simbólico ou profético é de um ano. Eze. 4: 5, 6; Num. 14:34. Portanto, o período são 2300 anos. {1872 JNA, S23D 15.2}

3. O período deve começar com "a visão"; conseqüentemente, começa no auge do poderio Medo-Persa. {1872 JNA, S23D 15.3}

Mas o anjo ainda não explicou a “espécie do tempo” ou deu sua data ao profeta. Se Gabriel nunca explicou esse assunto a Daniel, ele é um anjo caído; pois ele foi ordenado em termos simples a proceder assim. Dan. 8:16. Mas ele não é um anjo caído, como prova o fato de que, cem anos depois disso, ele foi enviado a Zacarias e a Maria. Lucas 1. Gabriel explicou a Daniel naquela época mais do que ele podia suportar (versículo 27), e mais tarde, como mostraremos agora, ele fez Daniel entender a visão. {1872 JNA, S23D 15.4}

GABRIEL EXPLICA EM DAN. 9 O QUE OMITIU NO CAP. 8

Como vimos, Gabriel havia sido encarregado de fazer Daniel entender a visão. Versículo 16. Mas no último verso do capítulo aprendemos que “não houve quem entendesse” a visão. Isso deve se referir particularmente aos 2300 dias e ao santuário, pois as outras partes da visão foram claramente explicadas. {1872 JNA, S23D 15.5}

Mas no primeiro versículo do capítulo 10, ele informa que algo lhe foi revelado; “palavra era verdadeira e envolvia longo tempo; e ele entendeu esta palavra, e tinha entendimento da visão.” Portanto, é evidente que entre os capítulos 8 e 10, ele deve ter obtido o entendimento desejado da época. Em outras palavras, a explicação deve poder ser encontrada no capítulo 9. {1872 JNA, S23D 15.6}

Dan. 9 começa com a oração sincera e importunada do profeta, a partir da qual fica evidente que até agora ele tinha entendido mal a visão do capítulo 8, concluindo que os 2300 dias nos quais o santuário seria pisado terminariam com o fim do cativeiro dos 70 anos sob o templo e a cidade predito por Jeremias. Compare os versículos 1 e 2 com os versículos 16 e 17. O homem Gabriel agora é enviado para que ele não permaneça enganado e receba a explicação da visão. "Estando eu, digo, ainda falando na oração, o homem Gabriel, que eu tinha visto na minha visão ao princípio, veio, voando rapidamente, e tocou-me, à hora do sacrifício da tarde. Ele me instruiu, e falou comigo, dizendo: Daniel, agora saí para fazer-te entender o sentido. No princípio das tuas súplicas, saí a ordem, e eu vim, para to declarar, porque és mui amado; considera, pois, a palavra, e entende a visão.” Versos 21-23. {1872 JNA, S23D 16.1}

Observe estes fatos:

1. No versículo 21, Daniel nos cita à visão do capítulo 8.
2. No versículo 22, Gabriel declara que ele veio para dar habilidade e entendimento a Daniel. Sendo este o objetivo da missão de Gabriel. Daniel, que no final do capítulo 8 não entendeu a visão, deveria, antes que Gabriel o deixasse, entender sua importância. {1872 JNA, S23D 16.2}
3. Como Daniel testemunha no final do capítulo 8 que ninguém entendeu a visão, é certo que a ordem dada a Gabriel: "Faça este homem entender a visão", ainda estava sobre ele. Por isso é que ele diz a Daniel: “Eu agora saí para lhe dar habilidade e entendimento”, e no versículo 23, ordena ele "entender o assunto e considerar a visão". Esta é uma prova inegável de que a missão de Gabriel no capítulo 9, tinha o objetivo de explicar o que ele omitiu no capítulo 8. Se alguém pedir mais evidências, o fato de Gabriel passar a explicar exatamente o ponto em questão, atende totalmente ao pedido. Vamos mostrar agora que ele realmente fez isso. {1872 JNA, S23D 17.1}

EXPLICAÇÃO DO TEMPO DE GABRIEL

“Setenta semanas estão determinadas sobre o teu povo, e sobre a tua santa cidade, para cessar a transgressão, e para dar fim aos pecados, e para expiar a iniquidade, e trazer a justiça eterna, e selar a visão e a profecia, e para ungir o Santíssimo. Sabe e entende: desde a saída da ordem para restaurar, e para edificar a Jerusalém, até ao Messias, o Príncipe, haverá sete semanas, e sessenta e duas semanas; as ruas e o muro se reedificarão, mas em tempos angustiosos. E depois das sessenta e duas semanas será cortado o Messias, mas não para si mesmo; e o povo do príncipe, que há de vir, destruirá a cidade e o santuário, e o seu fim será com uma inundação; e até ao fim haverá guerra; estão determinadas as assolacões. E ele firmará aliança com muitos por uma semana; e na metade da semana fará cessar o sacrifício e a oblação; e sobre a asa das abominações virá o assolador, e isso até à consumação; e o que está determinado será derramado sobre o assolador.” Dan. 9: 24-27. {1872 JNA, S23D 17.2}

DETERMINADO, NO VERSO 24, O MEIO DE CORTE

“Setenta semanas são determinadas”, literalmente 'cortadas'. Todos os hebraístas admitem que a palavra determinada, em nossa versão em inglês, significa "cortado". Ninguém contestou. JOSIAH LITCH, Midnight Cry, Vol. 4, No. 25. {1872 JNA, S23D 18.1}

“Assim, a autoridade caldéia e rabínica, e a das versões mais antigas, a Septuaginta e a Vulgata, dão o significado único de 'cortar' a esse verbo. À pergunta por que um outro sentido é atribuído a ele,

como 'determinação' ou 'decreto', pode ser respondida pelo fato de que a referência do versículo (em que ocorre) a Dan. 8:14, não foi observada. Portanto, supunha-se que não havia propriedade em dizer 'setenta semanas são cortadas', quando não havia outro período do qual elas poderiam ter pertencido. Mas como o período de 2300 dias é dado pela primeira vez, e os versículos 21 e 23, em comparação com Dan.8:16, mostram que o nono capítulo fornece uma explicação da visão na qual Gabriel apareceu Daniel, e do 'assunto' - (o início dos 2300 dias) - a literal (ou melhor, para falar propriamente, a única) significação exigida pelo objeto é a de 'cortado' ". —PROF. WHITING, *Midnight Cry*, vol. 4, No. 17. {1872 JNA, S23D 18.2}

Setenta semanas foram cortadas sobre o teu povo e a tua santa cidade, para terminar a transgressão, e pôr fim às ofertas pelo pecado, e fazer expiação pela iniquidade, e trazer eternamente justiça, e selar a visão e profecia, e ungir o Santíssimo. ” Dan. 9:24. Whiting's Tradução. {1872 JNA, S23D 18.3}

Os fatos que nos são expostos acima, de Litch e Whiting, não devem ser esquecidos. {1872 JNA, S23D 18.4}

1. A palavra traduzida como “determinada” (versículo 24) significa literalmente “cortada”.
2. "A visão" que Gabriel veio explicar, continha o período de 2300 dias; e na explicação ele nos diz que "Setenta semanas foram cortadas" sobre Jerusalém e os judeus. Esta é uma demonstração de que as setenta semanas fazem parte dos 2300 dias. Portanto, o início das setenta semanas é a data de partida dos 2300 dias. E o fato de as setenta semanas terem sido cumpridas em 490 anos, como todos admitem, é uma demonstração de que os 2300 dias são o período de onde os 490 dias foram cortados, e são 2300 anos. {1872 JNA, S23D 19.1}

A DATA DO ANJO DAS SETENTA SEMANAS

Vimos que as setenta semanas são cortadas dos 2300 dias. Portanto, estabelecer a data das setenta semanas é a chave para desbloquear e entender o dia do acerto de contas está em nossas mãos. A data para o início das semanas é, portanto, dada por Gabriel: “Sabe e entende: desde a saída da ordem para restaurar, e para edificar a Jerusalém, até ao Messias, o Príncipe, haverá sete semanas, e sessenta e duas semanas; as ruas e o muro se reedificarão, mas em tempos angustiosos.” Dan. 9:25. {1872 JNA, S23D 19.2}

A seguir apresentamos o testemunho do *Advent Herald*. É uma calma e desapaixionada vindicação das datas originais, que as estabelece além da disputa. Foi escrito nos anos 1850 e 1851; e, conseqüentemente, não pode ser apontado com o desejo de provar que os dias terminaram em 1844, como o *Herald* não está disposto a admitir esse fato. Portanto, deve ser considerado como depoimento sincero e honroso de fatos importantes. Que destrói todas as vistas apresentadas para reajustar os 2300 dias, não há alguém que possa apreciar a força dos argumentos apresentados que não perceba. Para mais testemunhos o leitor é citado em um trabalho muito valioso de S. Bliss, intitulado "Analysis of Sacred Chronology". O *Herald* fala da seguinte maneira: {1872 JNA, S23D 19.3}

“A Bíblia fornece os dados para um sistema completo de cronologia, que se estende desde a criação até o nascimento de Cyrus, uma data claramente determinada. A partir deste período, temos o incontestável Canon de Ptolomeu e a era indubitável de Nabonassar, estendendo-se abaixo da nossa era vulgar. No ponto em que a cronologia inspirada nos deixa, este Canon de precisão inquestionável começa. E assim todo o arco é estendido. É pelo cânon de Ptolomeu que o grande período profético de setenta semanas é fixado. Este Canon coloca o sétimo ano de Artaxerxes no ano 457 a.C; e a precisão do Canon é demonstrada pelo acordo simultâneo de mais de vinte eclipses. As setenta semanas datam da saída de um decreto respeitando a restauração de Jerusalém. Não houve decretos entre os sétimo e vigésimo ano de Artaxerxes. Quatrocentos e noventa anos, começando com o sétimo, devem começar em 457 a.C e terminar em 34 d.C. A partir do vigésimo, deve começar em 444 a.C, e terminam em 47 d.C. Como nenhum evento ocorreu em 47 d.C para marcar seu término, não podemos contar a partir do vigésimo; devemos, portanto, olhar para o sétimo ano de Artaxerxes. Nesta data não

podemos nos afastar de 457 a.C sem primeiro demonstrar a imprecisão do Canon de Ptolomeu. Para fazer isso, seria necessário mostrar que o grande número de eclipses pelos quais sua precisão foi repetidamente demonstrado, não foram computados corretamente; e tal resultado perturbaria toda data cronológica e deixaria o estabelecimento de épocas e o ajuste de eras inteiramente à mercê de todo sonhador, para que a cronologia não tivesse mais valor do que mero palpite. Assim, as setenta semanas devem terminar em 34 d.C, a menos que o sétimo ano de Artaxerxes esteja fixado incorretamente e, como isso não pode ser alterado sem alguma evidência nesse sentido, perguntamos: Que evidência marcou esse término? O tempo em que os apóstolos se voltaram para os gentios se harmoniza melhor do que qualquer outro que tenha sido nomeado. E a crucificação, em 31 d.C, no meio da última semana, é sustentada por uma massa de testemunhos que não podem ser facilmente invalidados.” Advent Herald, 2 de março, 1850. {1872 JNA, S23D 20.1}

“O Salvador compareceu a apenas quatro páscoas, sendo que na última foi crucificado. Isso não poderia trazer a crucificação posterior a 31 d.C, como registrado por Aurelius Cassiodorus, um respeitável senador romano, por volta de 514 d.C: 'No consulado de Tibério César Augusto V e Aelius Sejanus [UC 784, 31 dC], nosso Senhor Jesus Cristo sofreu no dia 8 de abril. Neste ano e neste dia, diz o Dr. Hales, concorda também com o Concílio de Cesareia, 196 d.C ou 198, a Crônica Alexandrina, Máximo Monachus, Nicephorus Constantinus, Cedrenus; e neste ano, mas em dias diferentes, concorda com Eusébio e Epifânio, seguido por Kebler, Bucher, Patinus e Petavius.” Advent Herald, 24 de agosto de 1850. {1872 JNA, S23D 21.1}

“Existem certos pontos cronológicos que foram resolvidos como fixos; e antes das setenta semanas terminarem em um período posterior, esses devem ser instáveis, mostrando que foram corrigidos em princípios errados; e uma nova data deve ser designada para o início, com base em melhores princípios. Agora que o início do reinado de Artaxerxes Longimanus foi em 464-3 a.C, é demonstrado pela concordância acima de vinte eclipses, que foram repetidamente calculados e invariavelmente foram encontrado nos horários especificados. Antes que seja demonstrado que o início de seu reinado fixo está errado, é preciso primeiro demonstrar que esses eclipses foram todos calculados incorretamente. Isso ninguém fez, ou jamais ousará fazer. Consequentemente, o início do seu reinado não pode ser removido a partir desse ponto. {1872 JNA, S23D 21.2}

“As setenta semanas devem datar de algum decreto para a restauração de Jerusalém. Apenas dois eventos são nomeado no reinado de Artaxerxes para o início dessas semanas. O primeiro é o decreto do sétimo ano de seu reinado, e o outro, o vigésimo. De um deles, aqueles quatrocentos e noventa anos devem contar. Quando seu reinado começou em 464-3 a.C, seu sétimo ano deve ter sido 458-7 a.C; e o vigésimo, 445-4 s.C. Se as setenta semanas datam da primeira, elas não podem terminar depois de 34 d.C; e se deste último, eles não poderão ter terminado antes de 46-7 d.C. {1872 JNA, S23D 22,1}

Além do exposto, sessenta e nove das setenta deveriam se estender ao Messias, o Príncipe. Não lemos que elas devem terminar quando ele é chamado de Príncipe, ou que ele deve começar a ser o Príncipe quando elas terminam. Elas deveriam se estender até o MESSIAS - as palavras, o príncipe, são acrescentadas para mostrar quem foi representado pelo Messias. Sessenta e nove semanas de anos são quatrocentos e oitenta e três anos. Começando com o sétimo de Artaxerxes, eles se estendem até 26-7 d.C; datando do vigésimo, eles terminam em 89-40 d.C. Houve algo em qualquer um desses anos que daria significado as palavras 'até o Messias, o príncipe'? Quando Jesus foi batizado por João na Jordânia, uma voz foi ouvida do céu, reconhecendo o Salvador como o Filho de Deus, em quem o Pai estava satisfeito. Consequentemente, ele era 'o messias, o príncipe', cuja vinda havia sido prevista. Com esse batismo, o Salvador iniciou o trabalho de seu ministério público - o Messias, o Príncipe, havia chegado, como estava previsto que ele deveria no final das sessenta e nove semanas. Quando ele foi reconhecido como o Filho de Deus - O Messias - ele foi à Galiléia pregando o evangelho do reino de Deus e dizendo: 'O tempo está cumprido '. O tempo cumprido, deve ter sido um período previsto. Não havia período previsto que pudesse então terminar, mas as sessenta e nove ou setenta semanas. Algum deles se enquadra? Vimos que o primeiro, calculado a partir do sétimo de Artaxerxes, como é fixado por cálculos astronômicos, terminaria em 26-7 d.C; e 27 d.C, descobrimos que é o ponto preciso do tempo em que o Salvador deveria ter cerca de trinta anos de idade, quando ele foi batizado por João, e declarou o tempo cumprido. Na primeira páscoa que o Salvador compareceu, o que não poderia ter sido posterior à primavera de seu segundo ano, disseram os judeus

que o templo tinha quarenta e seis anos de construção: calculando quarenta e seis anos a partir de 28 d.C., chegamos ao ano 19 a.C., que é o ano exato em que Herodes começou o trabalho de reconstrução do templo. Do eclipse que marcou a morte de Herodes, antes da qual o Salvador nascera, seu nascimento não poderia ter sido posterior a 4 a.C., o que o colocaria com cerca de trinta anos no momento do batismo de João. Tal concordância de testemunhos cronológicos, astronômicos e históricos, só pode ser deixada de lado por um testemunho ainda mais conclusivo. {1872 JNA, S23D 22.2}

“Seu argumento de que ele não foi chamado de príncipe até depois de sua crucificação não tem peso; pois os judeus não poderiam ter crucificado 'o príncipe da vida', como Pedro os acusou, se ele não fosse o príncipe da vida antes de sua crucificação. Seu argumento também não é mais o assunto no meio da semana. Suas críticas respeitam apenas a palavra inglesa “no meio”. Se você deseja mostrar que isso não significa “meio” no presente caso, você deve primeiro mostrar que a palavra hebraica chatzi, que aqui é traduzida “no meio”, a partir do verbo chatzah, não tem esse significado; e que esse verbo não tem "um significado especial de dividir em duas partes, ou dividir pela metade"; e que não tem "um senso geral de dividir-se em qualquer número de partes iguais", como dizem os hebraístas. Até que você mostre isso, você não faz nenhum progresso para provar que não significa "meio". Mas o que aconteceria no meio da semana? O 'sacrifício e oblação' cessariam então. Essas ordenanças judaicas só poderiam cessar real ou virtualmente. Na verdade, elas não cessaram até 70 d.C. Elas cessaram virtualmente apenas na crucificação; quando eles então deixaram de preannunciar o sacrifício então oferecido. Isso foi no meio da semana? Três anos e meio de 27 d.C nos levam à primavera de 31 d.C, onde o Dr. Hales demonstrou que a crucificação ocorreu. A semana em que o pacto foi confirmado foi aquela, no "meio" da qual o sacrifício e a oblação praticamente cessaram. Consequentemente, não poderia se estender além de 34 d.C o último ponto a que setenta semanas a partir do sétimo de Artaxerxes Longimanus poderiam chegar. ” -Advent Herald, 15 de fevereiro de 1851. {1872 JNA, S23D 23.1}

“Eusébio data a primeira metade da Semana da Paixão de anos, começando com o batismo de nosso Senhor, e terminando com sua crucificação. O mesmo período é precisamente registrado por Pedro, como incluindo o ministério pessoal: 'o tempo todo que o Senhor Jesus entrava e saía entre nós, começando do batismo de [ou por] João, até o dia em que ele foi retirado de nós ', em sua ascensão, que tinha apenas quarenta e três dias após a crucificação. Atos 1:21, 22. E a metade restante da Semana da Paixão terminou com o martírio de Estevão, no sétimo ou último ano da semana. Pois é notável que no ano seguinte, 35 d.C, começou uma nova era na igreja; ou seja, a conversão de Saulo, ou Paulo, o apóstolo, pela aparição pessoal de Cristo para ele no caminho de Damasco, quando recebeu sua missão entre os Gentios, depois que o Sinédrio judeu havia rejeitado formalmente a Cristo perseguindo seus discípulos. Atos 9:1-18. E o restante do livro de Atos registra principalmente as circunstâncias de sua missão aos gentios, e as igrejas que ele fundou entre eles.” —DR. HALES, conforme citado no Advent Herald, 2 de março de 1850. {1872 JNA, S23D 24.1}

O testemunho precedente do Herald estabelece os seguintes pontos:

1. O decreto referido em Dan. 9, a partir do qual as 70 semanas são datadas, é o decreto do sétimo ano de Artaxerxes, e não o de seu vigésimo ano. Esdras 7. E até este ponto consideramos dever anexar um extrato do prof. Badejo: {1872 JNA, S23D 24.2}

“Somos informados em Esdras 7:11: 'Agora esta é a cópia da carta que o rei Artaxerxes deu a Esdras, o sacerdote, o escriba, das palavras dos mandamentos do Senhor e de seus estatutos para Israel. A carta então segue, escrita não em hebraico, mas em caldeu (ou no oriente) Aramaico], o idioma usado na Babilônia. No versículo 27, a narrativa prossegue em hebraico. Nós estamos assim munidos com o documento original, em virtude do qual Esdras foi autorizado a 'restaurar e construir Jerusalém;' ou, em outras palavras, pelo qual ele estava investido com poder, não apenas para erguer paredes ou casas, mas para regular os assuntos de seus compatriotas em geral, para 'definir magistrados e juizes que pudessem julgar todos os casos e as pessoas além do rio. Ele foi comissionado para fazer cumprir a observância das leis de seu Deus, e punir aqueles que transgrediram, com morte, banimento, confisco ou prisão. Veja os versículos 23-27. Nenhuma concessão de poderes tão ampla pode ser encontrada no caso de Neemias, ou em qualquer outro caso após o cativo. Que a comissão dada a Esdras o

autorizou a reconstruir as muralhas de Jerusalém, é evidente pelo fato de que no vigésimo ano de Artaxerxes, Neemias, que estava no período Persa, recebeu informações de que 'os remanescentes que restaram do cativeiro, na província, estavam em grande aflição e reprovação; o muro de Jerusalém foi derrubado e os portões queimados com fogo. Ver Neemias 1: 1-3. O fato é que Esdras e seus associados se encontraram com oposição contínua dos samaritanos, de modo que durante as sete semanas, ou quarenta e nove anos, desde que Esdras subiu, até o último ato de Neemias em obrigar os judeus a repudiarem suas esposas estranhas, a predição do profeta foi confirmada: 'a rua será reconstruída novamente e o muro, mesmo em tempos conturbados'. Depois que Neemias chegou a Jerusalém, ele examinou a cidade à noite. O resultado de seu exame é assim declarado em Neemias 2:13: "E de noite saí pela porta do vale, e para o lado da fonte do dragão, e para a porta do monturo, e contemplei os muros de Jerusalém, que estavam fendidos, e as suas portas, que tinham sido consumidas pelo fogo". É evidente que "os muros e portões" que haviam sido destruídos eram obras de Esdras. A impropriedade de referir a língua de Neemias à destruição da cidade por Nabucodonosor será visto imediatamente, se lembrarmos que ele a reduziu a ruínas na captura de Zedequias, 588 a.C., cento e quarenta e quatro anos antes da época em que Neemias subiu a Jerusalém." —Advent Shield, No. 1, Artigo, Cronologia Profética, páginas 105-6. {1872 JNA, S23D 25,1}

Que Esdras entendeu que o poder era conferido a si mesmo e ao povo de Israel para reconstruir as ruas de Jerusalém e o muro, é certo a partir de seu próprio testemunho registrado no capítulo 9:9.

2. O segundo ponto da evidência que o Herald apresentou é o seguinte: o sétimo ano de Artaxerxes, do qual o decreto é datado, está fixado além de disputa em 457 a.C.

3. O início da obra ministerial de Cristo em 27 dC, está claramente estabelecido, sendo apenas 69 semanas ou 483 dias proféticos a partir do decreto de 457 a.C.

4. A crucificação no meio da semana provou ter ocorrido na primavera de 31 d.C., apenas três anos e meio desde o início do ministério de Cristo.

5. E demonstra ainda mais que os três anos e meio restantes da septuagésima semana terminaram no outono de 34 d.C., quando as setenta semanas foram cortadas sobre os judeus, pelo que eles deveriam "cessar a transgressão", encerrando com o ato do Sinédrio judeu de rejeitar formalmente a Cristo perseguindo seus discípulos, enquanto Deus concede ao grande apóstolo dos gentios sua comissão. Atos 9. {1872 JNA, S23D 26.1}

Essas datas importantes são estabelecidas de maneira clara e inequívoca por parte histórica, cronológica e testemunho astronômico. Sessenta e nove das 70 semanas a partir do decreto em 457 a.C terminaram em 27 d.C, quando nosso Senhor foi batizado e começou a pregar, dizendo: "O tempo está cumprido". Marcos 1. Três anos e meio a partir disso nos leva ao meio da semana em 31 d.C, o período de 70 semanas termina no outono de 34 dC. Ou, para ser mais definitivo, os primeiros três anos e meio da septuagésima semana terminaram no primeiro mês judaico (abril) na primavera de 31 dC. Os três anos e meio restantes portanto, terminam no sétimo mês, outono de 34 DC. {1872 JNA, S23D 27.1}

Aqui, então, estamos no final do grande período que Gabriel, ao explicar os 2300 dias a Daniel, diz que foi cortado sobre Jerusalém e os judeus. Seu início, datas intermediárias e terminação inequívoca. Resta notar então esse grande fato: os primeiros 490 anos dos 2300 anos terminou no sétimo mês, outono de 34 dC. Este período de 490 anos foi cortado dos 2300 anos, um período de 1810 anos permanece. Este período de 1810 anos foi adicionado ao sétimo mês, outono de 34 d.C, nos levando ao sétimo mês, outono de 1844. E aqui, depois de todo esforço que foi feito para remover as datas, todos são obrigados a mantê-las de pé. Por um momento, voltemos aos eventos de 1843 e 1844. Antes do ano de 1843, as evidências do andamento do decreto em 457 a.C haviam sido apresentadas de maneira clara e fiel. E como o período de 457 anos antes de Cristo, subtraído de 2300, deixaria 1843 anos depois de Cristo, o final dos 2300 anos era esperado com confiança em 1843. Mas se os 2300 anos começaram com o início de 457 a.C, eles não terminariam até o último dia de 1843 d.C, pois exigiria todo o 457, e todo o ano de 1843, para alcançar 2300 anos completos. {1872 JNA, S23D 27.2}

Mas no final de 1843, foi visto claramente que, como a crucificação ocorreu no meio da semana, na primavera de 31 d.C., o restante da septuagésima semana, a saber: três anos e meio, terminaria no outono de 34 d.C. E como as setenta semanas, ou 490 anos, terminaram no sétimo mês, o outono de 34 d.C., estabeleceria que os dias começaram, não na primavera, com Esdras começando da Babilônia, mas no outono, com o início dos trabalhos em Jerusalém. Esdras 7. E esta visão, que os dias começaram com o início real do trabalho, é muito fortalecida pelo fato de que as sete primeiras semanas, ou 49 anos, são manifestamente atribuídas ao trabalho de restauração em "tempos difíceis". E esse período só poderia começar com o início real do trabalho. Dan. 9:25. {1872 JNA, S23D 28.1}

Quando se viu que 456 anos e uma fração havia expirado antes de Cristo, foi imediatamente compreendido que seria necessário ao ano 1843 uma parte de 1844, suficiente para compensar um ano inteiro quando unidos em fração, para fazer 2300 anos completos. Em outras palavras, os 2300 dias em tempo integral expiram no sétimo mês de 1844. {1872 JNA, S23D 28.2}

E se levarmos em conta o fato de que o meio da septuagésima semana era o décimo quarto dia de primeiro mês e, conseqüentemente, o final das setenta semanas deve ter sido em um ponto correspondente no sétimo mês, 34 d.C., percebemos imediatamente que o restante dos 2300 dias terminaria aproximadamente nesse ponto no sétimo mês de 1844. {1872 JNA, S23D 29.1}

Foi com esse grande fato diante de nós que os 2300 dias de Daniel, que chegavam à purificação do santuário, terminariam naquele tempo, e também com a luz dos tipos, que o sumo sacerdote "no exemplo e na sombra das coisas celestiais", no décimo dia do sétimo mês, entrava no segundo véu para purificar o santuário, que esperávamos com confiança o advento de nosso Redentor no sétimo mês de 1844. A profecia dizia: "Então o santuário será purificado." O tipo dizia que naquela época do ano o sumo sacerdote deveria passar do lugar sagrado do tabernáculo terrestre ao santíssimo, para purificar o santuário. Lev. 16. {1872 JNA, S23D 29.2}

Com esses fatos diante de nós, raciocinamos da seguinte maneira:

1. O santuário é a terra, ou a terra da Palestina.
2. A purificação do santuário é a queima da terra, ou a purificação da Palestina, na vinda de Cristo.
3. E, portanto, concluímos que nosso grande Sumo Sacerdote deixaria o tabernáculo de Deus no céu e desceria em fogo flamejante, no décimo dia do sétimo mês, no outono de 1844. {1872 JNA, S23D 29.3}

É desnecessário dizer que ficamos dolorosamente decepcionados. E, embora o homem não viva, para poder derrubar o argumento cronológico ao término dos 2300 dias naquele momento, ou encontrar a poderosa variedade de evidências pelas quais ele é fortificado e sustentado, ainda que multidões, sem parar para perguntar se nossas concepções do santuário e sua purificação estavam corretos ou não, negaram abertamente o arbítrio de Jeová no movimento do Advento e o declararam obra do homem. {1872 JNA, S23D 29,4}

UMA POSIÇÃO INEXPLICÁVEL

A posição daqueles adventistas que tentaram reajustar os 2300 dias, a fim de estender para algum período futuro em que a Palestina fosse purificada, ou que a terra fosse queimada, foi, para dizer o mínimo, extremamente embaraçoso. No Herald de 28 de dezembro de 1850, Josiah Litch observa o seguinte: {1872 JNA, S23D 30.1}

"Cronologicamente, o período está chegando ao fim, de acordo com a melhor luz a ser obtida sobre o assunto; e onde está a discrepância, não consigo decidir. Mas disso saberemos mais no devido tempo. {1872 JNA, S23D 30.2}

* 'Deus é seu próprio intérprete, e ele deixará claro.' *** {1872 JNA, S23D 30.3}

Mas não sendo mais capaz de manter uma posição em negar o término dos 2300 anos no passado, enquanto, ao mesmo tempo, apresentavam uma justificativa sem resposta das datas originais do início do período, o Herald finalmente negou a conexão entre as 70 semanas e os 2300 dias. Escrevemos isso com profundo pesar. Um correspondente faz as seguintes perguntas e o editor do Herald fornece as respostas, que estão entre colchetes: {1872 JNA, S23D 30.4}

“Na sua 'cronologia', a cruz é colocada em 31 d.C. Quais são as principais objeções que sustentam contra ser colocado em 39 d.C? [Resp. 1. A ausência de qualquer evidência que a coloque lá. 2. A contradição das maravilhosas coincidências astronômicas, cronológicas e históricas que aparecem além da sombra controversa de que o sétimo ano de Artaxerxes foi em 457-8 a.C, que o nascimento de Cristo foi 4-5 a.C, que o trigésimo ano de Cristo foi 483 anos a partir do sétimo de Artaxerxes, que a crucificação ocorreu em 31 d.C, e esse foi o ponto do tempo na última semana, quando o sacrifício e a oblação deveriam cessar.] {1872 JNA, S23D 30.5}

“Se as setenta semanas de Dan. 9 não começam no vigésimo de Artaxerxes, como podem os 2300 dias começarem ao mesmo tempo com eles e, no entanto, terminar no futuro? [Resp. Eles não podem.] Não devemos doravante considerar que eles têm diferentes pontos de partida? [Resp. Sim.”] - Advent Herald, 22 de maio de 1852. {1872 JNA, S23D 31.1}

Que este é um sério afastamento da "fé original do advento", deixe o seguinte artigo, que uma vez foi parte de um aviso permanente nos jornais do Advento, sob o título de “Pontos de diferença entre nós e nossos oponentes”, dar a resposta: {1872 JNA, S23D 31.2}

“Afirmamos que o nono capítulo de Daniel é um apêndice ao oitavo, e que as setenta semanas e os 2300 dias ou anos começam juntos. Nossos oponentes negam isso”. —Sinais do Times, 1843. {1872 JNA, S23D 31.3}

“O grande princípio envolvido na interpretação dos 2300 dias de Dan. 8:14, é que as 70 semanas de Dan. 9:24, são os primeiros 490 dias dos 2300, do oitavo capítulo. ” —Advent Shield, página 49. Artigo - A ascensão e progresso do adventismo. {1872 JNA, S23D 31.4}

Se não é uma séria deserção da fé original do advento negar “o grande princípio envolvido na interpretação dos 2300 dias de Dan. 8 "e em seu lugar assumir a posição de "nossos oponentes", então erramos muito. Ouça a opinião de Apollos Hale em 1846: {1872 JNA, S23D 31.5}

“O segundo ponto a ser resolvido, na explicação do texto [Dan. 9:24], é mostrar que qual é a visão da qual tratam as 70 semanas. E deve ser entendido que isso envolve uma das grandes questões que constituem os principais pilares do nosso sistema de interpretação, no que diz respeito aos tempos proféticos. Se a conexão entre as 70 semanas de Dan. 9 e 2300 dias de Dan. 8, não existe, todo o sistema é abalado até a sua fundação; se existir, como supomos, o sistema deve permanecer ". - Harmonia da Cronologia Profética, página 33. {1872 JNA, S23D 31.6}

Então o ato daqueles que negam a conexão das 70 semanas e dos 2300 dias é de temeroso caráter. É uma negação de “um dos principais pilares do nosso sistema de interpretação dos tempos proféticos” e isso preocupa. Se a conexão entre as 70 semanas de Dan. 9 e 2300 dias de Dan. 8, não existe, todo o sistema é abalado até a sua fundação”. E agora, leitor, você ouvirá os motivos deles para negar a conexão entre esses dois períodos, que, como vimos, são fortalecidos por uma massa de testemunho. Eles são os seguintes: {1872 JNA, S23D 32.1}

“Não temos nova luz a respeito da conexão entre as 70 semanas e 2300 dias. O único argumento contra sua conexão é a passagem do tempo. Por que isso passou, é um mistério para nós, que esperamos ter revelado. " Advent Herald, 7 de setembro de 1850. {1872 JNA, S23D 32.2}

“Antes de 1843, ficamos satisfeitos com a validade dos argumentos que sustentam sua conexão e início simultâneo. Nada aconteceu para enfraquecer a força desses argumentos, a não ser a passagem do

tempo que esperávamos para o seu término. Agora não temos outro fato para avançar contra a conexão deles; e, portanto, só podemos esperar que o mistério da passagem do tempo seja explicado. Mas do início e término das 70 semanas, estamos convencidos de que eles não podem ser removidos da posição que os protestantes sempre lhes atribuíram.” Advent Herald, 22 de fevereiro de 1851. {1872 JNA, S23D 32.3}

Em seu lugar apropriado, oferecemos testemunhos conclusivos para provar a conexão das 70 semanas e 2300 dias. E é submetido ao julgamento do leitor se as razões apresentadas para contestar essa conexão tem direito a qualquer peso ou não. Veremos que elas crescem a partir da suposta correção da opinião de que a terra, ou a terra de Canaã, é o santuário, e que a purificação do santuário é a queima da terra, ou a purificação da Palestina na vinda de Cristo. Antes que o leitor adote a conclusão de que as 70 semanas, que Gabriel diz terem sido "cortadas", não fazem parte do grande período contido na visão que ele estava explicando a Daniel, solicitamos que nos siga na pergunta: O que é o santuário e como deve ser purificado? No momento, seguiremos isso e, ao fazê-lo, podemos descobrir a causa de nossa decepção. {1872 JNA, S23D 33.1}

EXISTEM DUAS “DESOLAÇÕES” EM DAN. 8. —Este fato é esclarecido por Josiah Litch e apresentamos suas palavras: {1872 JNA, S23D 33.2}

“‘O sacrifício diário’ é a leitura atual do texto em inglês. Mas nada como sacrifício é encontrado no original. Isso é reconhecido por todos. É um acréscimo ou uma construção colocada pelos tradutores. A verdadeira leitura é: ‘o contínuo e a transgressão desoladora’, sendo o contínuo e a transgressão conectados juntos por ‘e’; a desolação diária e a transgressão da desolação. São dois poderes desoladores, que desolariam o santuário e o exército.” Exposições Proféticas, vol. 1 página 127. {1872 JNA, S23D 33.3}

É óbvio que o santuário e o exército deveriam ser pisados pelo contínuo e pela transgressão da desolação. A leitura cuidadosa do versículo 13 estabelece esse ponto. E esse fato estabelece outro, a saber: que essas duas desolações são as duas grandes formas sob as quais Satanás tentou derrubar a adoração e a causa de Jeová. As observações do Sr. Miller sobre o significado desses dois termos, e o curso seguido por ele próprio para determinar esse significado é apresentado sob o seguinte cabeçalho: As duas desolações são paganismo e papado. {1872 JNA, S23D 33.4}

AS DUAS DESOLAÇÕES SÃO PAGANISMO E PAPADO

“Continuei lendo e não encontrei outro caso em que [o diário] foi encontrado, somente em Daniel. Eu então [pelo o auxílio de uma concordância] peguei as palavras que estavam relacionadas a ela: ‘será tirado’; ele deve tirar ‘o diário’; ‘a partir do momento em que o diário for retirado’, etc. Continuei lendo e pensei que não encontraria luz no texto; finalmente, vim para 2 Ts. 2:7, 8. ‘Pois o mistério da iniquidade já opera; somente há um que agora o impede, até que ele seja tirado do caminho, e então o iníquo será revelado’ etc. quando cheguei a esse texto, oh! quão clara e gloriosa a verdade apareceu! Aí está! Esse é ‘o diário!’ Bem, agora, o que Paulo quer dizer com ‘aquele que agora o detém ou atrapalha?’ Para ‘homem do pecado’ e ‘perverso’, papado é o significado. Bem, o que é que impede o papado de ser revelado? Isso é o paganismo; bem, então, ‘o diário’ deve significar paganismo.” — Manual do Segundo Advento, página 66. {1872 JNA, S23D 34.1}

Não precisa de argumento para provar que as duas grandes formas de oposição, pelas quais Satanás desolou a igreja e pisou o santuário do Deus vivo não são outro senão paganismo e papado. Também é claro que a mudança de uma dessas desolações para a outra ocorreu sob o poder romano. Paganismo, desde os dias dos reis da Assíria, até o período em que se tornou tão modificado que levou o nome do papado, tinha sido a desolação diária (ou, como o professor Whiting o torna “o contínuo”), pelo qual Satanás se levantou contra a causa de Jeová. E, de fato, em seus sacerdotes, altares e sacrifícios, ele tinha semelhança com a forma levítica da adoração de Jeová. Quando a forma cristã de adoração tomou o lugar levítico, uma mudança na forma de oposição de Satanás e a adoração falsificada

tornaram-se necessárias, para que tenha sucesso na oposição à adoração ao grande Deus. E é à luz destes fatos que somos capazes de entender a referência de nosso Senhor à abominação da desolação em Mat. 24:15. É evidente que ele cita Dan. 9:26, 27. Agora, embora não entendamos que o paganismo no ano 70 deu lugar ao papado, entendemos que o mesmo poder que então reinava mudou um pouco em nome e forma, sendo o próprio poder que deveria, como a abominação da desolação, desgastar os santos do Altíssimo. {1872 JNA, S23D 34.2}

A linguagem de Paulo é direta: “Pois o mistério da iniquidade [papado] já opera; só há um que agora o detém, até que seja tirado do caminho. E então o iníquo será revelado, a quem o Senhor consumirá com o Espírito da sua boca e destruirá com o brilho da sua vinda.” 2 Tes. 2: 7, 8. Que Paulo se refere ao paganismo e ao papado, não há dúvida. E aqui está a prova direta de que o papado, a abominação da desolação, nos dias de Paulo já começara a funcionar. Nem foi muito grande mudança de caráter quando Satanás transformou a adoração falsificada do paganismo em papado. Os mesmos templos, altares, incenso, sacerdotes e adoradores estavam prontos, com poucas mudanças, para servir como apêndices da abominação papal. O estatuto de Júpiter mudou rapidamente para o de Pedro, o príncipe dos apóstolos; e o Pantheon, que tinha sido o templo de todos os deuses, sem dificuldade se tornou o santuário de todos os santos. Assim, a mesma abominação que desolou Jerusalém, em um grau alterado e modificado, tornou-se o maravilhoso desolador dos santos e mártires de Jesus. E em seu chamado templo de Deus, nada pôs em pé e pisou em pé o verdadeiro templo de Jeová, e seu ministro, Jesus Cristo. A mudança do paganismo para o papado é claramente mostrada na visão de João sobre a transferência do poder do dragão de Apoc.12 para a besta de Apoc.13. E que eles são essencialmente a mesma coisa, é evidente pelo fato de que tanto o dragão quanto a besta são representados com as sete cabeças; mostrando assim que, em certo sentido, podemos entender que ambos cobririam o tempo profético. E no mesmo sentido, entendemos que qualquer abominação cobre todo o período. A referência de Cristo à abominação da desolação (Mt. 24:15; Lucas 21:20) é uma referência absoluta de demonstração de que Roma é o chifre de Dan. 8: 9-12. Tendo mostrado que existem duas desolações, pelas quais o santuário e o exército são pisoteados, agora notamos o fato de que existem dois santuários opostos em Daniel 8. {1872 JNA, S23D 35.1}

DOIS SANTUÁRIOS OPOSTOS EM DAN. 8

Para o leitor cuidadoso, esse fato aparecerá imediatamente. Eles são os seguintes: Primeiro, o santuário contínuo, da desolação. Versículo 11; 11:31. Segundo, o santuário que o contínuo e a transgressão da desolação deviam pisar. Versículos 13, 14. O primeiro é o santuário de Satanás; o outro é o santuário do Senhor dos exércitos. O primeiro é a morada de "todos os deuses"; o outro é a habitação do único Deus vivo e verdadeiro. Se for dito que um santuário não está conectado com adoração pagã e idólatra, citamos o testemunho direto da Bíblia. A pagã Moabe tinha um santuário. E aquele santuário era um lugar de oração e adoração para aquela nação. Isa. 16:12. A capela erigida pelo rei de Israel em Betel, como rival do templo de Deus em Jerusalém (1 Reis 12:27, 31-33) foi chamada seu santuário. Amós 7:13, margem. E os lugares em que Israel idólatra (as dez tribos) adoravam, são chamados de santuários. Amós 7: 9. O mesmo se aplica aos idólatras de Tiro. Eze. 28:18. Apollos Hale chama atenção para o seguinte: {1872 JNA, S23D 36.1}

“O que pode ser entendido com o 'santuário' do paganismo? O paganismo e os erros de todo tipo têm seus santuários, bem como a verdade. Estes são os templos ou asilos consagrados ao seu serviço. Algum particular e renomado templo do paganismo pode, então, ser mencionado aqui. Qual dos seus numerosos templos distintos pode ser? Um dos espécimes mais magníficos da arquitetura clássica é chamado Pantheon. O nome significa "o templo ou asilo de todos os deuses". O 'local' de sua localização é Roma. Os ídolos das nações conquistadas pelos romanos foram sagradamente depositados em algum nicho ou sala deste templo e, em muitos casos, tornou-se objeto de adoração pelos próprios romanos. Poderíamos encontrar um templo de paganismo que era mais impressionantemente 'seu santuário'? Roma era a cidade ou local do Pantheon, 'derrubado' pela autoridade do Estado. Leia os seguintes fatos conhecidos e notáveis na história: 'A morte do último rival de Constantino havia selado a paz do império. Roma foi uma vez mais a rainha indiscutível das

nações. Mas, na hora da elevação e esplendor, ela foi lançada a beira de um precipício. O seu próximo passo seria descendente e irrecuperável. A mudança do governo para Constantinopla ainda perplexa o historiador. Constantino abandonou Roma, a grande cidadela e trono dos césares, por um obscuro canto da Trácia, e passou o restante de sua vida vigorosa e ambiciosa no duplo trabalho de elevar uma colônia para a capital de seu império e degradar a capital às fracas honras e humilhada força de uma colônia ”. Manual do Segundo Advento, página 68. {1872 JNA, S23D 37.1}

E Satanás não apenas possuía um rival ao santuário de Jeová no período pagão de adoração, mas, durante toda a dispensação cristã, esse arquidemônio possuía um templo rival de Deus. 2 Tess. 2:4. Há muito do santuário rival de Satanás. O santuário de Deus continua a ser notado em extensão. Relacionado com esses dois santuários. {1872 JNA, S23D 38.1}

HÁ DUAS TROPAS EM DAN. 8: 9-13. {1872 JNA, S23D 38.2}

Aquela tropa que o chifre lançou contra o diário, quando ele encheu sua medida de transgressão; e, com a ajuda desse exército, o chifre foi capaz de abater a verdade. Versículo 12. Esse exército é mencionado em Dan. 11:31. Por ele, o santuário da desolação diária e seus serviços foram transferidos para a transgressão, ou abominação da desolação. Este exército são as forças de Satanás, e está intimamente associado ao seu santuário. O outro exército é "o exército do céu". Versículo 10. Miguel é o seu Príncipe. Dan. 10:21. Contra o príncipe deste exército, o chifre se levanta. Versículos 11, 25. (Prof. Whiting observa que, no original, "Príncipe do exército" ocorre em Josué 5:14). o exército, de quem Miguel (Cristo) é príncipe, é a igreja viva de Deus. Dan. 12: 1. {1872 JNA, S23D 38.3}

Este exército, a verdadeira igreja, é adequadamente representada por uma oliveira verde. Jer.11:15-17. E quando alguns dos ramos (membros da igreja judaica) foram cortados pela incredulidade, outros foram enxertados dos gentios, e assim o exército continua a existir. Rom.11:17-20. Este exército ou igreja, são os adoradores de Deus, e estão intimamente conectados com o seu santuário. Esse santuário nós iremos considerar agora. {1872 JNA, S23D 39.1}

O QUE É O SANTUÁRIO DE DEUS?

Antes de responder a essa pergunta, apresentamos a definição da palavra santuário: "Um lugar santo". Walker. "Um lugar sagrado." Webster. "Um lugar santo ou santificado, uma morada do Altíssimo." Cruden. Uma morada para Deus. Ex. 25: 8. Tanta coisa para o significado da palavra. Agora perguntamos respeitando sua aplicação: {1872 JNA, S23D 39.2}

A TERRA É O SANTUÁRIO? A essa pergunta, respondemos enfaticamente: não é. E se você não entende assim, oferecemos os seguintes motivos:

1. A palavra santuário é usada 145 vezes na Bíblia, e não é em um único exemplo aplicado à terra. Portanto, não há autoridade para essa visão, exceto a do homem.
2. Todo mundo sabe que a terra não é uma morada de Deus, nem ainda um lugar sagrado ou santo. Aqueles, portanto, que afirmam que ela é o santuário de Deus, devem conhecer mais antes de fazer tal declaração. 3. Em quase todos os casos em que a palavra santuário ocorre na Bíblia (e as exceções quase todas se referem ao santuário rival de Satanás) se refere diretamente a outro objeto definido que Deus chama de santuário. Portanto, aqueles que ensinam que a terra é o santuário do Senhor dos Exércitos, contradizem seu testemunho positivo cem vezes repetidamente. Para o benefício daqueles que pensam que a terra se tornará o santuário depois de ter sido purificada pelo fogo, acrescentamos que Deus nem sequer a chama de santuário, mas simplesmente "o lugar" de sua localização. Isa. 60:13; Eze. 37: 26-28; Ap. 21: 1-3. A terra, então, não é o santuário, mas apenas o lugar onde será localizado dali em diante. {1872 JNA, S23D 39.3}

A IGREJA É O SANTUÁRIO? “Nós respondemos: não é. Os seguintes motivos de suporte desta resposta são claros:

1. A Bíblia nunca chama a igreja de santuário.
2. Em um grande número de textos, Deus chamou outro objeto de seu santuário e associou uniformemente a igreja àquele objeto, como os adoradores; e o próprio santuário, como o local dessa adoração, ou para o qual sua oração é dirigida. Salm. 20: 2; 28: 2, margem; 29: 2, margem; 63:2; 68:24; 73:17; 134: 2; 150: 1; 5: 7.
3. A seguinte inferência é tudo o que já vimos insistir em favor dessa visão. Deus já chamou muitas vezes o tabernáculo ou templo, que eram os padrões da verdade, seu santuário. E porque a igreja é espiritualmente chamada templo de Deus, alguns supuseram que tinham a liberdade de chamar a igreja de santuário.
4. Mas há um texto que alguns podem pedir. É o seguinte: “Quando Israel saiu do Egito, e a casa de Jacó de um povo de língua estranha, Judá foi seu santuário, e Israel seu domínio.” Salm.114: 1, 2. Mas, no máximo, isso provaria apenas que uma das doze tribos era o santuário, e que o povo inteiro não era. {1872 JNA, S23D 40.1}

Mas devemos lembrar do fato de que Deus escolheu Jerusalém (2 Cr. 6: 6), que estava em Judá (Jos. 15:63; Juízes 1: 8; Zc. 1:12; Esdras 1: 3), como o lugar de seu santuário (1 Cr. 28: 9, 10; 2 Cr. 3: 1), pensamos que o seguinte de outro salmo explicará completamente a conexão entre Judá e o santuário de Deus, e mostrará que Judá era a tribo com a qual Deus planejou localizar sua habitação: “Antes elegeu a tribo de Judá; o monte Sião, que ele amava. E edificou o seu santuário como altos palácios [ver 1 Crô. 29: 1], como a terra, que fundou para sempre. como a terra que ele estabeleceu para sempre.” Salm. 78:68, 69.

5. Mas se um único texto puder ser apontado para provar que a igreja é chamada de santuário, o fato claro a seguir provaria além da controvérsia que não é o santuário de Dan. 8:13, 14. A igreja é representada em Dan. 8:13, pela palavra "exército". Isso ninguém negará. "Foi dado a ambos o santuário e o exército para que fossem pisados." Então a igreja e o santuário são duas coisas diferentes. A igreja é o exército ou adoradores; o santuário é o lugar dessa adoração, ou o lugar ao qual é dirigida. {1872 JNA, S23D 41.1}

A TERRA DE CANAÃ É O SANTUÁRIO? Das 145 vezes em que a palavra santuário ocorre na Bíblia, apenas dois ou três textos foram notados, com algum grau de confiança, como referindo-se à terra de Canaã. No entanto, estranhamente, os homens afirmaram que o suposto significado desses dois ou três textos devem determinar o significado da palavra em Dan. 8:13, 14, contra o vasto testemunho de mais de cem textos! Pois ninguém pode negar que em quase todos os casos em que ele ocorre, refere-se diretamente ao tabernáculo típico, ou então ao verdadeiro, do qual isso era apenas a figura ou padrão. Mas agora perguntamos se os dois ou três textos em questão na verdade, aplicam a palavra santuário à terra de Canaã. Eles trazem o seguinte: “Tu os introduzirás, e os plantarás no monte da tua herança, no lugar que tu, ó Senhor, aparelhaste para a tua habitação, no santuário, ó Senhor, que as tuas mãos estabeleceram.” Ex. 15:17. " E os guiou com segurança, que não temeram; mas o mar cobriu os seus inimigos. E os trouxe até ao termo do seu santuário, até este monte que a sua destra adquiriu. E edificou o seu santuário como altos palácios, como a terra, que fundou para sempre”. Salm. 78:53, 54, 69. {1872 JNA, S23D 41,2}

O primeiro desses textos, como será notado, é retirado do cântico de Moisés, após a passagem do Mar Vermelho. É uma previsão do que Deus faria por Israel. O segundo texto foi escrito cerca de quinhentos anos após o cântico de Moisés. O que Moisés profere como predição, o salmista registra como questão de história. Portanto, o salmo é um comentário inspirado sobre o cântico de Moisés. Se o primeiro texto for lido sem o outro, pode-se concluir que o monte era o santuário, embora não indique diretamente isto. Mesmo que alguém possa ter a idéia de que a tribo de Judá era o monte Sião, para isso deveria ler apenas a expressão, “mas escolheu a tribo de Judá, o monte Sião, que ele amava” (Sl 78:68), e omitir aqueles textos que nos informam que o monte Sião era a cidade de Davi, uma parte de Jerusalém (2 Sam. 5: 6, 7), e estava localizado em Judá, como uma de suas cidades. Esdras 1: 3; Salm. 69:35. {1872 JNA, S23D 42.1}

Mas se o segundo texto for lido em conexão com o primeiro, isso destruirá a possibilidade de tais inferências. O salmista afirma que a montanha da herança era a fronteira do santuário. E que Deus,

depois de expulsar os gentios diante de seu povo, procedeu a construir seu santuário como um alto palácio. Veja 1 Cron. 29: 1.

1. A terra de Canaã era o monte da herança. Ex. 15:17.
2. Aquela montanha era a fronteira do santuário. Sl. 78:54.
3. Naquela fronteira, Deus construiu seu santuário. Sl. 78:69.
4. Nesse santuário Deus habitou. Ps. 74: 7; Ex. 25: 8.
5. Naquela fronteira, o povo habitava. Ps. 78:54,55.

Esses fatos demonstram que o mesmo Espírito moveu ambos os “homens santos da antiguidade”. Esses textos se harmonizam perfeitamente, não apenas entre si, mas com todo o testemunho da Bíblia, respeitando o santuário. Se o leitor ainda persistir em confundir o santuário com sua fronteira, a terra de Canaã, nós pedimos a ele que ouça enquanto um rei de Judá aponta a distinção: {1872 JNA, S23D 42.2}

“Porventura, ó nosso Deus, não lançaste fora os moradores desta terra de diante do teu povo Israel, e não a deste para sempre à descendência de Abraão, teu amigo? E habitaram nela e edificaram-te nela um santuário ao teu nome, dizendo: Se algum mal nos sobrevier, espada, juízo, peste, ou fome, nós nos apresentaremos diante desta casa e diante de ti, pois teu nome está nesta casa, e clamaremos a ti na nossa angústia, e tu nos ouvirás e livrarás.” 2 Cron. 20: 7-9. {1872 JNA, S23D 43.1}

Essa linguagem é um paralelo perfeito ao do Salm. 78:54, 55, 69. De maneira mais clara, destaca a distinção entre a terra de Canaã e o santuário que foi construído nela; e ensina claramente que aquele santuário foi a casa erguida como habitação de Deus. {1872 JNA, S23D 43,2}

Mas há outro texto pelo qual alguns tentam provar que Canaã é o santuário. " Só por um pouco de tempo o teu santo povo a possuiu; nossos adversários pisaram o teu santuário." Isa.63:18. Ninguém oferece isso como testemunho direto. Como é apenas uma inferência, apenas algumas palavras são necessárias.

1. Quando o povo santo de Deus foi expulso da terra de Canaã (como aqui previsto pelo profeta, que usa o pretérito para o futuro), não apenas foram despojados de sua herança, mas também o santuário de Deus, construído naquela terra, estava arruinado. Isto é claramente afirmado em 2 Cron. 36: 17 20.
2. O próximo capítulo testifica que o profeta teve uma visão da destruição do santuário de Deus, conforme declarado no texto citado de 2 Crônicas. Isso explica toda a questão. Isa. 64:10, 11; Sl. 74:3, 7; 79: 1. {1872 JNA, S23D 44,1}

Um quarto texto pode ocorrer a algumas mentes como prova conclusiva de que Canaã é o santuário. Apresentamos como é o único restante que já foi solicitado em apoio a essa visão. “A glória do Líbano virá a ti; a faia, o pinheiro, e o álamo conjuntamente, para ornarem o lugar do meu santuário, e glorificarei o lugar dos meus pés.” Isa. 60:13. Este texto precisa de pouco comentário. O lugar do santuário de Deus, admitimos plenamente, é a terra de Canaã, ou a Nova Terra, pois Isaías se refere ao estado glorificado. E como Deus prometeu estabelecer seu santuário naquele lugar (Eze. 37: 25-28), o significado do texto é perfeitamente claro. Mas se alguém ainda afirma que o local do santuário é o próprio santuário em si, note que o mesmo texto chama o “lugar”, de “o lugar dos pés do Senhor”; e, portanto, o mesmo princípio seria fazer da terra de Canaã os pés do Senhor! A visão de que Canaã é o santuário é absurda demais para ser necessário avisar previamente. E mesmo que fosse um santuário, nem seria o santuário de Daniel; pois o profeta estava de olho na habitação de Deus. Dan. 9. Canaã era apenas o lugar do santuário de Deus ou da Sua habitação. {1872 JNA, S23D 44,2}

Descobrimos que a terra não é o santuário, mas simplesmente o território onde finalmente será localizado; que a igreja não é o santuário, mas simplesmente os fiéis conectados com o santuário; e que a terra de Canaã não é o santuário, mas que é o lugar onde o santuário típico estava localizado. Agora, vejamos o próprio santuário. {1872 JNA, S23D 45.1}

VISTA BÍBLICA DO SANTUÁRIO

O santuário da Bíblia é a habitação de Deus. Inclui, primeiro, o tabernáculo erigido pelo homem, o qual era conforme o padrão da verdade; e segundo, o verdadeiro tabernáculo que o Senhor erigiu e não o homem. O tabernáculo erguido pelo homem, como padrão do verdadeiro, abraçou, primeiro, o tabernáculo de Moisés, segundo, o templo de Salomão e, terceiro, o templo de Zorobabel. O verdadeiro tabernáculo de Deus é o grande original do qual Moisés, Salomão e Zorobabel montaram "figuras", "padrões" ou "imagens". Nós rastreamos o padrão da verdade desde o tempo em que foi erguido por Moisés, até que foi fundido no maior e mais glorioso modelo que Salomão fez com que fosse estabelecido. Traçamos esse edifício até o período em que foi derrubado por Nabucodonosor e sofreu por permanecer em ruínas através do cativeiro babilônico. E a partir do momento em que Zorobabel reconstruiu o santuário, traçamos a história do padrão até chegarmos ao verdadeiro tabernáculo, o grande santuário de Jeová. Traçamos a história do tabernáculo a partir do momento em que nosso Senhor entrou nele para ministrar nos "lugares santos" por nós, momento em que ele estará localizado na Nova Terra, quando o tabernáculo e o santuário de Deus estarão com seu povo para sempre. Estamos cercados por uma grande nuvem de testemunhas. À lei e ao testemunho. Reunimos nossa primeira instrução a respeito do santuário do livro de Êxodo. No capítulo 24, aprendemos que Moisés subiu à nuvem que envolveu o Deus de Israel, no monte Sinai, e que ele esteve lá quarenta dias. Foi durante esse período que a construção do santuário foi explicada a Moisés, e o modelo disso mostrado a ele naquele monte. Heb. 8: 5. O próximo capítulo começa com a ordem para erguer o Santuário. {1872 JNA, S23D 45.2}

A Ordem para Erguer o Santuário {1872 JNA, S23D 46.1}

"Então falou o SENHOR a Moisés, dizendo: Fala aos filhos de Israel, que me tragam uma oferta alçada; de todo o homem cujo coração se mover voluntariamente, dele tomareis a minha oferta alçada. E esta é a oferta alçada que recebereis deles: ouro, e prata, e cobre, E azul, e púrpura, e carmesim, e linho fino, e pêlos de cabras, E peles de carneiros tintas de vermelho, e peles de texugos, e madeira de acácia, Azeite para a luz, especiarias para o óleo da unção, e especiarias para o incenso, Pedras de ônix, e pedras de engaste para o éfode e para o peitoral. E me farão um santuário, e habitarei no meio deles. Conforme a tudo o que eu te mostrar para modelo do tabernáculo, e para modelo de todos os seus pertences, assim mesmo o fareis." Ex. 25: 1-9. {1872 JNA, S23D 46,2}

Aprendemos aqui vários fatos importantes: {1872 JNA, S23D 46.3}

1. O santuário era a habitação de Deus. Foi erguido para esse propósito expresso, para que Deus pudesse habitar entre o seu povo. E Moisés estava de olho nessa habitação, ou santuário, naquele mesmo capítulo apontado, por alguns, para ensinar que a terra de Canaã é o santuário. "Ele é meu Deus", diz Moisés, "e eu prepararei para ele uma habitação." Ex. 15: 2. É claro que, mesmo assim, Moisés entendeu a diferença entre a habitação de Jeová e o local da sua localização.

2. O santuário, que Deus ordenou que Moisés erigisse, era o tabernáculo. O tabernáculo do testemunho era o santuário de Deus.

3. Moisés foi solenemente ordenado a fazer o santuário e todos os seus utensílios, de acordo com o padrão mostrado para ele naquele lugar. Portanto, devemos agora ter um modelo da habitação de Deus diante de nós. {1872 JNA, S23D 47.1}

O PROJETO DO SANTUÁRIO

Suas paredes no lado norte, oeste e sul eram formadas de tábuas verticais, encaixadas em encaixes de prata. Essas tábuas tinham dez côvados de comprimento, um côvado e meio de largura. E como havia vinte deles em cada um dos dois lados, aprendemos que eram trinta côvados de comprimento e dez de

altura. Da mesma maneira, verificamos que tinha cerca de dez côvados de largura. Os encaixes nos quais as tábuas foram colocadas são denominados “encaixes do santuário”. 38:27. Cinco barras que percorriam o comprimento dos lados e passando por anéis nas tábuas uniam tudo. E o todo foi coberto de ouro. O santuário estava coberto com quatro coberturas diferentes. O extremo leste foi fechado por um véu, ou cortina, chamada porta da tenda ou tabernáculo. Um segundo véu dividia o tabernáculo em duas partes chamadas o lugar santo, e o santíssimo. Ex.26: 1-29, 31-37; 36: 8-38; Lev. 16: 2; Heb. 9: 3. {1872 JNA, S23D 47,2}

OS UTENSÍLIOS DO SANTUÁRIO

Todos foram feitos segundo o padrão que o Senhor mostrou a Moisés. Ex. 25: 9, 40. Eles eram os seguintes:

1. A arca. Este era um pequeno baú cerca de quatro pés de seis polegadas de comprimento e cerca de dois pés e seis polegadas de largura e altura, cobertas com ouro puro, dentro e fora. Isso foi feito com o propósito expresso de conter o testamento de Deus, os dez mandamentos. Ex.25: 10-16, 21; 31: 8; 32:15, 16; 37: 1-5; Deut. 10: 1-5; 1 Reis 8: 9; 2 Chron. 5:10; Heb. 9: 4.
2. O propiciatório. Este era o topo da arca. Nas duas extremidades havia um querubim. Os querubins e o propiciatório eram um trabalho sólido de ouro batido. Ex. 25: 17-22; 37: 6-9; 26:34; Heb. 9: 4, 5.
3. O altar de incenso. Ele foi coberto com ouro e tinha cerca de um metro e meio de altura e quase dois pés quadrado. Tinha o objetivo de queimar incenso diante de Deus. Ex. 30: 1-10; 37: 25-28; Lucas 1: 9-11.
4. O incensário de ouro. Era usado para queimar incenso diante do Senhor, principalmente os mais sagrados. Lev. 10: 1; 16:12; Heb. 9: 4.
5. O castiçal, com suas sete lâmpadas, era uma obra sólida de ouro batido, sobre o peso de um talento. Foi feito conforme o padrão expresso mostrado a Moisés. Ex. 25: 31-40; 37: 17-24; Num. 8:4.
6. A mesa dos pães da proposição. Tinha cerca de um metro e meio de comprimento, dois e meio de altura e dois de largura. Era coberto com ouro puro e, sobre ele, o pão da proposição era sempre mantido diante do Senhor. Ex.25: 23-30; 37: 10-16; Heb. 9: 2.
7. O altar do holocausto. Eram cerca de nove pés quadrados e quase cinco pés e meio de altura. Foi revestido com latão e foi, como o próprio nome indica, usado com o objetivo de oferecer sacrifícios a Deus. Ex. 27: 1-8; 37: 1-7.
8. A pia. Este era feito de latão e continha água para o uso dos sacerdotes. Ex. 30: 18-21; 38: 8. O átrio do tabernáculo tinha cem côvados de comprimento por cinquenta e cinco côvados de largura, ou cerca de nove pés, de altura. Ex. 27: 9-19; 38: 8-20. {1872 JNA, S23D 48.1}

Deus chamou aqueles que deveriam executar esta obra pelo nome e os encheu com o espírito de sabedoria. Ex.31: 1-11; 35: 30-35. Eles sabiam "como fazer todo tipo de trabalho para o serviço do santuário". Ex.36: 1. Eles receberam a oferta dos filhos de Israel para o “serviço do santuário”. Verso 3. Eles vieram da “obra do santuário” (versículo 4) e testemunharam que mais foi oferecido do que poderia ser usado. E Moisés ordenou que ninguém "fizesse mais oferta pela obra do santuário". Versículo 6. A construção de todas as partes do santuário foi minuciosamente descrita em capítulos. 36-39. Tudo foi então submetido a Moisés para inspeção, e ele pronunciou a obra como Deus ordenou, a saber: como o verdadeiro modelo. Ex. 39: 33-43. Deus então ordenou que Moisés estabelecesse o santuário e colocasse tudo em ordem. Ex. 40: 1-16. {1872 JNA, S23D 49.1}

Moisés ergue o santuário. —E Moisés levantou o tabernáculo e montou suas tábuas nas bases de prata, e os uniu pelas barras, e espalhou sobre o todo a cobertura do tabernáculo. Ele então colocou o testemunho na arca, e colocou o propiciatório sobre ela, e carregou a arca para o tabernáculo. Ex. 40: 17-21. Ele então pendurou o véu em frente à arca e, assim, dividiu os lugares sagrados. Versículo 21; 26:33; Heb. 9: 3. Ele colocou a mesa antes do véu, sobre o lado norte do lugar santo, e colocou ali o pão. Versículos 22, 23. Ele então colocou o castiçal no lado sul do lugar santo, e acendeu suas lâmpadas diante do Senhor. Versículos 24, 25. Ele colocou o altar de ouro diante do véu, no lugar santo, e queimou incenso doce sobre ele. Versículos 26, 27. Preparou a cortina para a porta do santuário e colocou o altar do holocausto à porta, e pôs a pia entre o tabernáculo e este altar, e ao redor de todo ele estabeleceu o pátio do tabernáculo. Versículos 28-33. O santuário erigido para a habitação de Jeová (Êx 15: 2; 25: 8) está agora pronto para receber o rei eterno. {1872 JNA, S23D 49.2}

DEUS TOMA POSSE DO SANTUÁRIO

“Então a nuvem cobriu a tenda da congregação, e a glória do Senhor encheu o tabernáculo; De maneira que Moisés não podia entrar na tenda da congregação, porquanto a nuvem permanecia sobre ela, e a glória do Senhor enchia o tabernáculo.” Versículos 34, 35. Agora encontramos a habitação ou santuário do Senhor. No livro de Êxodo, Moisés chama esse edifício de santuário pelo menos onze vezes. Mas você pede as palavras do Novo Testamento sobre o ponto? Então ouça. {1872 JNA, S23D 50.1}

A VISÃO DE PAULO DO SANTUÁRIO DA PRIMEIRA ALIANÇA

“Ora, também a primeira tinha ordenanças de culto divino, e um santuário terrestre. Porque um tabernáculo estava preparado, o primeiro, em que havia o candelabro, e a mesa, e os pães da proposição; ao que se chama o santuário. Mas depois do segundo véu estava o tabernáculo que se chama o santo dos santos, Que tinha o incensário de ouro, e a arca da aliança, coberta de ouro toda em redor; em que estava um vaso de ouro, que continha o maná, e a vara de Arão, que tinha florescido, e as tábuas da aliança; E sobre a arca os querubins da glória, que faziam sombra no propiciatório; das quais coisas não falaremos agora particularmente... Porque os corpos dos animais, cujo sangue é, pelo pecado, trazido pelo sumo sacerdote para o santuário, são queimados fora do arraial.” 9: 1-5; 13:11. Está resolvido, portanto, que temos a visão correta deste assunto até agora, e que o tabernáculo de Deus, e não a terra de Canaã, era o santuário. {1872 JNA, S23D 50.2}

O SANTUÁRIO DA TERRA ERA CONFORME O MODELO DO VERDADEIRO

“Após o modelo do tabernáculo, e o modelo de todos os seus instrumentos, assim o fareis.” "E cuideis isso em fazer segundo o seu padrão, que te foi mostrado no monte. Ex. 25: 9, 40. “E tu levanta o tabernáculo de acordo com a forma que lhe foi mostrada no monte.” Ex.26:30. "Como te foi mostrado no monte, assim eles o farão." Ex. 27: 8. “De acordo com o modelo que o Senhor mostrara a Moisés, então ele fez o castiçal.” Num. 8:4. “Estava entre nossos pais no deserto o tabernáculo do testemunho, como ordenara aquele que disse a Moisés que o fizesse segundo o modelo que tinha visto." Atos 7:44. “Os quais servem de exemplo e sombra das coisas celestiais, como Moisés divinamente foi avisado, estando já para acabar o tabernáculo; porque foi dito: Olha, faze tudo conforme o modelo que no monte se te mostrou.” Heb. 8: 5. " De sorte que era bem necessário que as figuras das coisas que estão no céu assim se purificassem; mas as próprias coisas celestiais com sacrifícios melhores do que estes. Porque Cristo não entrou num santuário feito por mãos, figura do verdadeiro, porém no mesmo céu, para agora comparecer por nós perante a face de Deus.” Heb. 9:23, 24.

A partir desses textos, aprendemos dois fatos importantes.

1. Muitas vezes somos informados que o tabernáculo do testemunho foi feito de acordo com o padrão que Deus mostrou a Moisés.
2. Que esse padrão era uma representação do santuário celestial em si. Heb. 8: 2. {1872 JNA, S23D 51.1}

Traçamos a história do santuário no livro de Levítico. Toda instância em que a palavra ocorre, é admitido, refere-se ao tabernáculo do Senhor. O sangue da oferta pelo pecado foi aspergido “diante do véu do santuário.” Lev. 4: 6. Por oferecer fogo estranho diante do Senhor em seu tabernáculo, dois dos filhos de Arão foram mortos. Eles foram então carregados "de diante do santuário". Lev. 10: 4. Os impuros não deveriam “entrar no santuário” ou no tabernáculo. Lev. 12: 4,6. “O lugar santíssimo” deveria ser limpo. Lev. 16:16, 33. “Guardareis meus sábados e reverenciareis meu santuário; Eu sou o Senhor. Lev.19:30; 26: 2. Aqueles que adoravam Moloque, profanaram o santuário do Senhor. Lev. 20: 3. "Santuários", é usado para determinar os dois lugares sagrados. Lev. 21:23; 26:31. Veja também Jer. 51:51. Deus ordenou que o sumo sacerdote não deveria “sair do santuário, nem profanar o santuário do seu Deus”, para lamentar os mortos. Lev. 21:12. {1872 JNA, S23D 52.1}

Deus colocou da tribo de Levi à frente de seu tabernáculo. Num. 1: 50-53. Sob o estandarte de Judá, a leste, de Rúben, ao sul, de Efraim, a oeste, e de Dã, a ao norte, as tribos de Israel eram distribuídas ao redor do tabernáculo em quatro grandes corpos, durante sua permanência no deserto. Num. 2. Deus depois dividiu a tribo de Levi, de acordo com seus três filhos, Gérson, Coate e Merari. Estas três divisões deveriam ser montadas nos lados oeste, sul e norte do tabernáculo. Num. 3. Os coaitas deveriam cuidar "das responsabilidades do santuário" e também "dos vasos do santuário". Versos 28, 31. E Eleazar, o sacerdote, deveria supervisionar aqueles que mantinham "a responsabilidade do santuário." versículo 32. Mas no lado leste do tabernáculo, Moisés, Arão e seus filhos deveriam acampar e cuidar "do serviço do santuário". Verso 38. {1872 JNA, S23D 52.2}

Quando o acampamento se movesse, os sacerdotes deviam derrubar o tabernáculo (Núm. 4) e cobrir os vasos sagrados e "todos os instrumentos de ministério com os quais ministram no santuário" (versículo 12); e quando eles terminassem de cobrir o santuário, e todos os seus vasos, os filhos de Coate deveriam carregá-los. Versículo 15. E Deus ordenou que Eleazar tivesse "a supervisão de todo o tabernáculo, e tudo o que nele existe, no santuário." Versículo 16. "O serviço do santuário" pertence aos coaitas, deveriam carregá-lo sobre seus ombros. Num. 7: 9. Os levitas foram dados a Arão para fazer o serviço do tabernáculo, para que não haja praga "quando os filhos de Israel se aproximarem até o santuário." Num. 8:19. "Os coaitas avançaram carregando o santuário." Num. 10:21. {1872 JNA, S23D 53,1}

Os sacerdotes deveriam "suportar a iniquidade do santuário". Num. 18: 1. Os levitas não deveriam "vir perto dos vasos do santuário." versículo 3. E os sacerdotes deveriam "cuidar do serviço do santuário." Versículo 5. O homem que negligenciasse a purificação "contaminaria o santuário do Senhor." Num. 19:20. "A moeda do santuário", ou tabernáculo, era o padrão em Israel. A palavra santuário, significando a habitação de Deus, e ocorre nesta conexão vinte e cinco vezes. Ex. 30:13, 24; 38:24, 25, 26; Lev. 5:15; 27: 3, 25; Num. 3:47, 50; 7:13, 19, 25, 31, 37, 43,49, 55, 61, 67, 73, 79, 85, 86; 18:16. {1872 JNA, S23D 53.2}

A palavra santuário não ocorre no livro de Deuteronômio. Um capítulo se refere a ele como "o tabernáculo da congregação." 31:14, 15. Traçamos a história do santuário, desde o momento em que foi erguido durante o período da permanência de Israel no deserto. Em Atos 7:45, aprendemos que as tribos de Israel o carregaram com eles para a terra prometida. No livro de Josué é chamado a casa de Deus ou tabernáculo; e aprendemos que foi montado em Siló. Jos. 9:23; 18: 1; 19:51; Jer. 7:12. É chamado o tabernáculo do Senhor. Jos. 22:19. É chamado "o santuário do Senhor". Jos. 24:26. No livro de Juízes é simplesmente chamado de "a casa de Deus", localizada em Siló. Juízes 18:31; 20:18, 26, 31; 21: 2. Em 1 Samuel é denominado a casa do Senhor. 1: 7, 24; 3:15. Nos capítulos 1: 9; 3: 3, é chamado templo do senhor. No capítulo 2:32, Deus chama de "minha habitação", ou tabernáculo, margem. Ainda estava em Shiloh. Ex.4: 4. {1872 JNA, S23D 54.1}

DEUS ABANDONA O SANTUÁRIO

Pela grosseira maldade dos sacerdotes e do povo (1Sam. 2) Deus abandonou sua habitação e deu sua glória (a arca de seu testamento) nas mãos do inimigo, os filisteus. Sl. 78: 60-62; Jer. 7: 12-14; 1Sam. 4. Não é apontado que após a arca de Deus ser tirada do tabernáculo em Siló, e Deus abandonar sua habitação, que sua glória ou a arca de sua aliança, tenha retornado àquele edifício. Os outros vasos sagrados permaneceram no tabernáculo e, nos dias de Saul, estava localizado em Nobe (1 Sam. 21; Mat. 12: 3, 4; Marcos 2:26); e nos dias de Davi, em Gibeão. 1 Cron. 16:39; 21:29, 30; 1 Reis 3: 4; 2 Cron. 1: 3. E aqui vamos nós até o presente seguindo a arca. {1872 JNA, S23D 54.2}

A arca foi tomada pelos filisteus e mantida em sua terra sete meses. Nessa época eles foram ferido de pragas doloridas, e Dagon, seu deus, caiu duas vezes diante da arca. Eles então a devolveram a Israel por Bete-Semes. Neste local, 50.000 de Israel foram feridos por olhar para a arca. 1 Sam. 4; 5; 6. Dali foi transferida para Quiriate-Jearim, para a casa de Abinadabe, onde ficou vinte anos. 1 Sam.7: 1, 2. Nesse período, diz-se que todo Israel "lamentou diante do Senhor". Deste local, foi removido para a casa de Obede-Edom, onde ficou três meses. 2 Sam. 6: 1-11; 1 Cron. 13. Deste lugar Davi a levou para sua própria cidade, Jerusalém, e a colocou em um tabernáculo que ele havia montado. 2 Sam. 6: 12-17; 1 Cron. 15; 16: 1. Foi nessa época que o Senhor deu a Davi descanso de todos os seus inimigos,

e ele esteve habitando em sua própria casa, que veio à sua mente construir um templo ao Senhor. {1872 JNA, S23D 55,1}

DAVID DESEJA CONSTRUIR UM SANTUÁRIO GLORIOSO

A situação da casa de Deus veio à mente de Davi e ele “desejou encontrar um tabernáculo para o Deus de Jacó.” Atos 7:46; Sl. 132: 1-5. Ele colocou esse assunto diante do profeta Natã, que disse a ele: "Faça tudo o que estiver em seu coração, pois Deus é contigo." Mas naquela noite Deus encarregou Natã de dizer a Davi: "Assim diz o Senhor, não me edificarás casa para morar." 1 Cron. 17: 1-4; 2 Sam. 7: 1-5. Isso foi porque Davi era um homem de guerra e derramara sangue abundantemente. Mas Deus prometeu que Salomão, seu filho, deveria construir a casa. 1 Cron. 22: 7-10. Então Davi passou a fazer grande preparação para o edifício. Cap. 22:29. O lugar onde o anjo do Senhor apareceu a Davi, no tempo em que a praga foi suspensa; a eira de Ornã, o jebuseu (cap. 21: 14-18), no monte Moriá (2 Crô. 3: 1; Gn 22: 2, 14), que ficava próximo ao monte Sião, seria o lugar da habitação de Deus. Sl. 78:68, 69; 132: 13, 14. E ali, "como altos palácios", o santuário de Deus foi construído. 1 Cron.29: 1. {1872 JNA, S23D 55.2}

SALOMÃO E OS PRÍNCIPES ENCARREGADOS DE CONSTRUIR O SANTUÁRIO

"Disponde, pois, agora o vosso coração e a vossa alma para buscardes ao Senhor vosso Deus; e levantai-vos, e edificai o santuário do Senhor Deus, para que a arca da aliança do Senhor, e os vasos sagrados de Deus se tragam a esta casa, que se há de edificar ao nome do Senhor." ICron. 22:19. "Olha, pois, agora, porque o Senhor te escolheu para edificares uma casa para o santuário; esforça-te, e faz a obra." ICron. 28:10. Então Davi deu a Salomão explícitas instruções a respeito da construção do santuário. Versículos 11-21. Um relato completo da montagem deste santuário glorioso pode ser lido em 1 Reis 6; 7; 2 Cron. 3: 4. Ocupou sete anos e seis meses para ser edificado edifício, e quando concluído, foi de maravilhosa magnificência. Diferia principalmente do tabernáculo sendo uma ampliação desse plano e sendo uma construção permanente, e não temporária. Os vasos do santuário também foram aumentados em tamanho e número. {1872 JNA, S23D 56.1}

O TABERNÁCULO DÁ LUGAR AO TEMPLO

Tudo terminado no templo do Senhor, e todo o Israel reunido em sua dedicação, lemos da seguinte maneira: "E trouxeram a arca do Senhor para cima, e o tabernáculo da congregação, juntamente com todos os objetos sagrados que havia no tabernáculo; assim os trouxeram para cima os sacerdotes e os levitas. Assim trouxeram os sacerdotes a arca da aliança do Senhor ao seu lugar, ao oráculo da casa, ao lugar santíssimo, até debaixo das asas dos querubins." Reis 8: 4, 6. O tabernáculo que ficava em Gibeão há muito tempo era: como lemos aqui, transferido ao templo do Senhor e os vasos sagrados e o sacerdócio, foram transferidos para aquele santuário mais glorioso. A arca, mantida por algum tempo em Jerusalém, foi levada para o lugar mais sagrado do templo. E agora a habitação para o Deus de Jacó estava concluída. {1872 JNA, S23D 57.1}

DEUS TOMA POSSE DO SANTUÁRIO

"E sucedeu que, saindo os sacerdotes do santuário, uma nuvem encheu a casa do Senhor. E os sacerdotes não podiam permanecer em pé para ministrar, por causa da nuvem, porque a glória do Senhor enchera a casa do Senhor. Então falou Salomão: O Senhor disse que ele habitaria nas trevas. Certamente te edifiquei uma casa para morada, assento para a tua eterna habitação." 1 Reis 8: 10-13. A Shekinah, ou glória visível de Deus, que habitava no tabernáculo, é manifestada no templo, e esse templo é desde então o santuário do Senhor Deus. {1872 JNA, S23D 57.2}

O TEMPLO ERA UM MODELO DO VERDADEIRO SANTUÁRIO

"E deu Davi a Salomão, seu filho, a planta do alpendre com as suas casas, e as suas tesourarias, e os seus cenáculos, e as suas recâmaras interiores, como também da casa do propiciatório. E também a planta de tudo quanto tinha em mente, a saber: dos átrios da casa do Senhor, e de todas as câmaras ao

redor, para os tesouros da casa de Deus, e para os tesouros das coisas sagradas; E para as turmas dos sacerdotes, e para os levitas, e para toda a obra do ministério da casa do Senhor, e para todos os utensílios do ministério da casa do Senhor... Tudo isto, disse Davi, fez-me entender o Senhor, por escrito da sua mão, a saber, todas as obras desta planta.” 1 Chron. 28: 11-13, 19. “Tu me ordenaste [Salomão] para edificar um templo no teu santo monte, e um altar na cidade em que habitas, semelhança com o santo tabernáculo, que preparaste desde o princípio.” Sabedoria de Salomão 9: 8. "Figura das coisas nos céus;" “Os santuário feito com mãos humanas, que são as figuras do verdadeiro.” Heb. 9:23, 24. {1872 JNA, S23D 58.1}

A história do santuário é descrita de maneira muito completa nos livros de Reis e em 2 Crônicas. Mas nós podemos citar apenas os textos nos quais é chamado de santuário. Em 1 Cron. 9:29, lemos sobre “os instrumentos do santuário”, referindo-se ao tabernáculo ou ao templo. Em 1 Cron. 24: 5, lemos sobre “os ministradores do santuário” ou “casa de Deus”. {1872 JNA, S23D 58.2}

O salmista ora para que Deus envie "ajuda do santuário". Sl. 20: 2. Ele levantou as mãos "Em direção ao oráculo do teu santuário." Sl. 28: 2, margem. Ver 1 Reis 6:19, 20. Ele convida os santos a "Adorem o Senhor em seu glorioso santuário." Sl. 29: 2, margem. Ele ora “para ver Seu poder e Sua glória, assim como eu te vi no santuário.” Sl. 63: 2. Ele fala das “obras de meu Deus, meu rei, no santuário.” Sl. 68:24, 29. No Sal. 78:54, ele denomina a terra de Canaã "a fronteira do santuário". Nos versículos 68, 69, ele testifica que Deus “construiu seu santuário como altos palácios” no monte Sião em Judá. Ele "Entrou no santuário de Deus" e viu o fim dos ímpios. Sl. 73:17. Ele testifica que “teu caminho, ó Deus está no santuário. Sl. 77:13. Ele prediz a futura desolação do templo ou santuário de Deus. Sl.74: 3, 7; 79: 1. No Sal. 96: 6, ele declara que "força e beleza estão em seu santuário". E no versículo 9, margem, ele diz: “Ó adora o Senhor no santuário glorioso”. “Levante as mãos no santuário e bendizei ao Senhor.” Sl. 134: 1, 2. “Louvado seja Deus em seu santuário.” Sl. 150: 1. {1872 JNA, S23D 59.1}

Desde o período em que os Salmos foram escritos, passamos para a história dos reis de Judá, a Jeosafá. Em oração, ele afirma que Deus deu a terra de Canaã ao povo de Israel: “E eles habitaram ali e edificaram a ti um santuário. 2 Cron. 20: 7, 8. E no versículo 9, ele cita as palavras usadas na dedicação do templo. 1 Reis 8: 33-39. {1872 JNA, S23D 59.2}

Depois disso, lemos que Uzias, rei de Judá, levantado-se com orgulho, entrou no templo para queimar incenso. E os sacerdotes ordenaram que ele saísse do Santuário. 2 Cron. 26: 16-18. Ainda mais tarde, lemos que Ezequias ofereceu uma oferta pelo pecado do reino, e pelo o santuário e por Judá. 2 Cron. 29:21. E ele chamou todo o Israel a se render ao Senhor, e entrar no seu santuário. E ele ora por aqueles que não foram purificados de acordo com a purificação do santuário. 2 Cron. 30: 8, 19. {1872 JNA, S23D 59.3}

Por esse tempo, Deus diz por Isaías: “Por isso profanei os príncipes do santuário; e entreguei Jacó ao anátema, e Israel ao opróbrio.” Isa. 43:28. Em seguida, Sofonias reclama que seus profetas são pessoas levianas e traiçoeiras; seus sacerdotes poluíram o santuário, violaram a lei. Sof. 3: 4. {1872 JNA, S23D 60.1}

Depois disso, Ezequiel diz: "Tu profanaste o meu santuário." Eze. 5:11; 8: 6. E na sua visão dos homens com as armas mortais, eles são indicados de "começar no meu santuário". "E eles começaram pelos homens antigos que estavam diante da casa.” Eze. 9: 9. E no capítulo 23:38, 39, ele diz: “E ainda isto me fizeram: contaminaram o meu santuário no mesmo dia, e profanaram os meus sábados. Porquanto, havendo sacrificado seus filhos aos seus ídolos, vinham ao meu santuário no mesmo dia para o profanarem; e eis que assim fizeram no meio da minha casa.” E no capítulo 24:21, Deus diz: "Profanarei meu santuário". {1872 JNA, S23D 60.2}

DEUS ABANDONA SEU SANTUÁRIO

“Mas ide agora ao meu lugar, que estava em Siló, onde, ao princípio, fiz habitar o meu nome, e vede o que lhe fiz, por causa da maldade do meu povo Israel. Agora, pois, porquanto fazeis todas estas obras, diz o Senhor, e eu vos falei, madrugando, e falando, e não ouvistes, e chamei-vos, e não

respondestes, Farei também a esta casa, que se chama pelo meu nome, na qual confiais, e a este lugar, que vos dei a vós e a vossos pais, como fiz a Siló.” Jeremias 7:12-14{1872 JNA, S23D 60.3}

“Então farei que esta casa seja como Siló, e farei desta cidade uma maldição para todas as nações da terra.” Jeremias 26:6{1872 JNA, S23D 61,1}

O que Deus fez no santuário de Siló? “Deus ouviu isto e se indignou; e aborreceu a Israel sobremodo. Por isso desamparou o tabernáculo em Siló, a tenda que estabeleceu entre os homens. E deu a sua força ao cativoiro, e a sua glória à mão do inimigo.” Sl. 78: 59-61. Então quando Deus disse ao povo que ele faria no templo, como havia feito no tabernáculo de Siló, foi um ato solene, uma declaração de que ele o abandonaria. Eze. 8: 6. Que essa previsão foi cumprida, mostraremos agora. {1872 JNA, S23D 61.2}

O SANTUÁRIO DESTRUÍDO

“Eles, porém, zombaram dos mensageiros de Deus, e desprezaram as suas palavras, e mofaram dos seus profetas; até que o furor do Senhor tanto subiu contra o seu povo, que mais nenhum remédio houve. Porque fez subir contra eles o rei dos caldeus, o qual matou os seus jovens à espada, na casa do seu santuário, e não teve piedade nem dos jovens, nem das donzelas, nem dos velhos, nem dos decrepitos; a todos entregou na sua mão. E todos os vasos da casa de Deus, grandes e pequenos, os tesouros da casa do SENHOR, e os tesouros do rei e dos seus príncipes, tudo levou para babilônia. E queimaram a casa de Deus, e derrubaram os muros de Jerusalém, e todos os seus palácios queimaram a fogo, destruindo também todos os seus preciosos vasos.” 2 Cron. 36: 16-19. {1872 JNA, S23D 61.3}

As previsões de Asafe (Sl 74: 3, 7; 79: 1), de Isaías (capítulo 63:18; 64:10, 11) e de Ezequiel (capítulo 24:21), agora foram cumpridas. Os pagãos então entraram "nos santuários [os santos] da casa do Senhor". Jer. 51:51. “Os pagãos entraram no santuário, a quem ordenaste que não entrassem na tua congregação. ” Lam. 1:10. E o Senhor “rejeitou o seu altar” e “abominou o seu santuário”. E o sacerdote e o profeta foram “mortos no Santuário.” e “as pedras do santuário foram lançadas no topo da rua”. Lam. 2: 7, 20; 4: 1. Neste tempo de dispersão e desolação de seu santuário, Deus promete ser para eles “como um pequeno santuário.” Eze. 11:16; Isa. 8:14. O santuário assim destruído ficou desolado até o reinado do reino da Pérsia. 2 Cron. 36: 19-23; Esdras 1: 1-3; Isa. 44:28. Foi perto do fim dos setenta anos do cativoiro que Daniel orou: "Faz com que teu rosto brilhe sobre o teu santuário que está desolado." Dan. 9: 2, 17. {1872 JNA, S23D 61.4}

EZEQUIEL OFERECE A ISRAEL UM SANTUÁRIO

Catorze anos depois que o santuário foi destruído, que Deus deu a Ezequiel o "padrão" de outro, para mostrar à casa de Israel. Caps. 40-48. Este edifício consistia em dois lugares sagrados. Cap.41. E o lugar santíssimo era do mesmo tamanho que o do templo de Salomão. Versículo 4; 1 Reis 6:19, 20; neste edifício, a palavra santuário é aplicada nos seguintes textos: Eze. 41:21, 23; 42:20; 43:21; 44: 1, 5 versículos 7, 8, referem-se ao templo de Salomão), 9, 11, 15, 16, 27; 45: 2, 3, 4, 18; 47:12; 48: 8, 10, 21. Foi oferecido à casa de Israel, em cativoiro, na condição em que eles deveriam estar. {1872 JNA, S23D 62,1}

" Envergonhados" de suas iniquidades, e afastando-se delas. Se eles fizessem isso, Deus faria com que este edifício fosse estabelecido e faria com que “as doze tribos” retornassem. Cap. 40: 4; 43:10, 11; 44: 5-8; 47: 13-33; 48. {1872 JNA, S23D 63.1}

Mas a casa de Israel não estava envergonhada. Pois quando o decreto para a restauração de Israel foi lançado, todo o Israel poderia subir à terra onde as abundantes bênçãos de Deus foram prometidas. Veja o decreto de Ciro. 2 Cron. 36:22, 23; Esdras 1: 1-4; 7:13. Mas as dez tribos menosprezaram a oferta de Ciro, bem como as promessas das bênçãos de Deus, e as tribos de Judá e Benjamim, com uma porção da tribo de Levi, e algumas outras, foram os que voltaram. Esdras 1:5; 7: 7; 8:15. Assim, a casa de Israel rejeitou a oferta graciosa do Senhor, e menosprezou as inestimáveis

bênçãos que Deus lhes daria. Eze. 47; 48. Portanto esse santuário nunca foi erguido. Que essa profecia não pertence ao futuro reino de Cristo e seus santos, os seguintes fatos demonstram: {1872 JNA, S23D 63.2}

1. O príncipe que reinará sobre o povo de Deus Israel, para sempre, não é outro senão Jesus Cristo. Lá haverá apenas um príncipe e pastor que será o rei sobre Israel no estado glorificado, e esse é Jesus. Lucas 1:32, 33; Eze. 37:22, 24; Jer. 23: 5, 6; Miquéias 5: 2. Mas o príncipe aqui mencionado por Ezequiel não é Cristo, mas um pobre e frágil mortal. Ele é ordenado a oferecer um novilho como oferta por seu próprio pecado. Eze. 45:22. Mas Jesus Cristo é ele mesmo a grande oferta pelo pecado do mundo. 1 João 2: 1, 2.

1.1 Ele deveria oferecer todo tipo de ofertas por si mesmo. Eze. 46: 1-8. Mas Jesus Cristo fez tudo isso "Cessar" com sua morte. Dan. 9:27. {1872 JNA, S23D 63.3}

1.2 Deus diz a esses príncipes: "Tira suas exações do meu povo". Eze. 45: 9. Mas quando Cristo reinar, não haverá nada opressivo, pois os oficiais terão paz, e os exigentes, justiça. Isa.60: 17-19.

1.3 E este príncipe deve ter filhos e servos a quem, se quiser, poderá dar uma herança. Mas o que ele der a seus servos voltará ao príncipe no ano do Jubileu. Eze.46:16, 17. E ele é proibido de oprimir o povo. Versículo 18. Certamente, seria blasfêmia aplicar isso para o nosso Senhor Jesus Cristo. Portanto, Ezequiel não está prevendo o futuro reino de Cristo sobre a casa de Israel. {1872 JNA, S23D 64.1}

2. Cristo diz: "Mas os que forem havidos por dignos de alcançar o mundo vindouro, e a ressurreição dentre os mortos, nem hão de casar, nem ser dados em casamento." Lucas 20:35. Agora ouça Ezequiel: "E eles [os sacerdotes de Deus] não se casarão nem com viúva nem com repudiada, mas tomarão virgens da linhagem da casa de Israel, ou viúva que for viúva de sacerdote." Eze. 44:22. Na predição de Cristo, respeitando a era do mundo vindouro, ele afirma positivamente que ali não haverá casamento ou doação; mas em Ezequiel, encontramos os sacerdotes do Senhor se casando e temos sugestões de que o divórcio e a morte não são desconhecidos! Portanto, é evidente que Ezequiel não se refere à idade futura. Certo é que tinha entre aqueles sacerdotes os que eram "considerados dignos de obter esse mundo", e não seriam representados como casados nele! E isso também na terra prometida, o próprio coração do futuro reino! {1872 JNA, S23D 64.2}

3. E Cristo acrescenta: "Eles não podem mais morrer; porque são iguais aos anjos." Lucas 20:36. E Paulo testifica que, no último triunfo, "isto que é mortal se revestirá da imortalidade" e a morte será tragada pela vitória. 1 Cor. 15: 51-54. Mas Ezequiel tem mortes, até mesmo nas famílias dos sacerdotes de Deus, e eles mesmos se contaminaram participando de seus enterros, sendo obrigados a oferecer por si mesmos uma oferta pelo pecado! Veja Eze. 44: 25-27. Essas pessoas são iguais aos anjos? Eles estão onde não podem mais morrer? Certamente eles não estão. Então é demonstrado que Ezequiel não se refere ao mundo ou à era futura. {1872 JNA, S23D 65.1}

Que o santuário, o sacerdócio e as ofertas, com as bênçãos que o acompanham, foram feitos na dispensação mosaica, se as doze tribos de Israel tivessem aceitado o benefício oferecido, agora mostramos.

1. Deveria ser cumprido enquanto a circuncisão estava em vigor. Eze. 44: 9. Mas isso foi abolido no primeiro advento. Gál. 5: 2; 6:12; Col. 2: 11-13.

2. Foi enquanto o divórcio era permitido. Eze. 44:22. Mas isso agora acabou. Mat. 5:31, 32; 19: 8, 9.

3. A distinção entre carnes, limpas e impuras, é reconhecida. Eze. 44:23, 31. Mas nenhuma distinção é agora reconhecida pela Bíblia. Rom. 14.

4. Sacrifícios, ofertas, holocaustos e ofertas pelo pecado de touros e bodes estavam então em vigor. Eze. 46. Mas agora eles não são aceitáveis para Deus. Heb. 10.

5. As festas e o Jubileu estavam em vigor. Eze. 45: 21-25; 46: 9, 11, 17. Mas eles foram pregados na cruz. Col. 2.

6. O sacerdócio levítico estava então em vigor. Eze. 40:46; 44:15. Mas o sacerdócio de Melquisedeque, que não passa para outro, tomou seu lugar. Heb. 5-9.

7. "A cortina de separação" existia, como provam todas essas ordenanças, bem como a distinção reconhecida entre "a semente da casa de Israel" e o estrangeiro. Eze. 44:22; 47:22. Mas agora foi quebrada. Ef. 2. Mas deixamos o santuário oferecido às doze tribos, para que possamos seguir a história de Judá e Benjamim. {1872 JNA, S23D 65.2}

O SANTUÁRIO RECONSTRUÍDO

Ciro, o rei da Pérsia, no primeiro ano de seu reinado, fez um decreto para a restauração da casa de Deus, o santuário que há tanto tempo estava em ruínas. Esdras 1: 1-4. E neste decreto ele não apenas deu permissão para toda a casa de Israel subir à cidade de seus pais, onde Deus escolheu colocar seu nome, mas ele forneceu ajuda para aqueles que precisavam de ajuda para subir. E, no entanto, dez das doze tribos escolheram permanecer na sua iniquidade e habitar com os gentios. Mas aprendemos no versículo 5 que o chefe dos pais de Judá e Benjamim, e os sacerdotes, e os levitas, e alguns outros, subiram. Os vasos da casa de Deus, que estava no santuário de Satanás na Babilônia (Esdras 1: 7, 8; 5:14; 2 Cr. 36: 7; Dan. 1: 2), foram entregues a eles para levar ao templo de Deus que eles deveriam reconstruir em Jerusalém. {1872 JNA, S23D 66.1}

E no segundo ano de sua vinda à casa de Deus em Jerusalém, com Zorobabel como governador, e Josué como sumo sacerdote, lançaram o fundamento do templo do Senhor. Esdras 8: 8, 10. Depois de muitos obstáculos sérios, foi concluído no sexto ano de Dario, tendo a construção do seu edifício ocupado um período de vinte anos. Esdras 6:15. O decreto do qual os 2300 dias são datados não foi divulgado até o sétimo ano do neto de Dario. Assim, o santuário existia quando esse período começou. Esdras 7. Este templo de Zorobabel era apenas o templo de Salomão, como podemos aprender com Esdras 5:11, embora pareça ter sido maior que aquele prédio. Esdras 6: 3, 4; 1 Reis 6: 2. Por isso, foi apenas uma continuação do modelo que Salomão havia erguido. E assim entendemos a linguagem de Paulo em Heb. 9 como referindo-se a esses edifícios que, como um todo, compõem o santuário da primeira aliança, quando ele declara que o santuário é uma figura ou padrão da verdade. {1872 JNA, S23D 66.2}

Enquanto Zorobabel estava construindo a casa do Senhor, os profetas Ageu e Zacarias incentivaram os construtores. Esdras 5: 1; 6:14. Ageu prometeu que, embora não fosse tão rico em prata e ouro como foi a primeira construção, a glória desta última casa deveria ser maior do que a anterior, com a chegada do Desejado de todas as nações. Ageu 2. {1872 JNA, S23D 67.1}

DEUS HABITOU NESTE SANTUÁRIO

"Portanto, assim diz o Senhor; Eu voltei para Jerusalém com misericórdia: nela será construída a minha casa, diz o Senhor dos exércitos." Zac. 1:16. "Cante e alegra-te, ó filha de Sião; pois eis que eu venho e habitarei no meio de ti, diz o Senhor." Zac. 2:10. "E quem jurar pelo templo, jura por ele e por aquele que nele habita." Mat. 23:21. {1872 JNA, S23D 67,2}

Neemias chama este edifício de santuário e declara que "não abandonaremos a casa de nosso Deus." Ne. 10:39. Enquanto a casa de Deus estava em ruínas, Daniel orou para que Deus fizesse seu rosto brilhar no seu santuário que estava desolado. Em resposta à sua oração, o anjo Gabriel é enviado para informá-lo que no final de 69 semanas desde a saída do decreto para restaurar e edificar Jerusalém, o Messias viria e iria finalmente ser cortado. Depois disso, a cidade e o santuário, que agora vimos reconstruídos, seriam destruídos, e nunca mais seria reconstruído, mas deixado em ruínas até a consumação. Dan. 9. No final dos 69 semanas, 27 d.C., o Messias, o príncipe, veio e começou a pregar. Marcos 1:15. Israel prosseguiu até "cessar a transgressão", pela qual Deus os impediria de ser seu povo, rejeitando o Messias. Dan. 9:24; João 1:11; Matt. 23:32; 1 Tes. 2:15, 16. {1872 JNA, S23D 67.3}

DEUS ABANDONA O SANTUÁRIO

“Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas, e apedrejas os que te são enviados! quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintos debaixo das asas, e tu não quiseste! Eis que a vossa casa vai ficar-vos deserta”. Mat. 23:37, 38; Lucas 13:34, 35. Depois de proferir estas palavras, Jesus partiu do templo, que não era mais a habitação de Deus. E quando ele saiu, ele declarou que deveria ser derrubado, e nenhuma pedra deixada sobre a outra. Mat. 24: 1, 2. E o que Gabriel e Jesus haviam predito assim, os romanos em poucos anos cumpriram e o "santuário do mundo" deixou de existir. {1872 JNA, S23D 68.1}

DATAS

“Moisés ergueu o santuário (de acordo com a cronologia na margem), 1490 a.C., sendo levado a Siló em 1141 a.C. Salomão ergueu o santuário em 1005 a.C. Foi abandonado por Deus em 588 a.C. Reconstruído por Zorobabel, 515 a.C. Abandonado e desolado, em 31 d.C. Seguimos agora o santuário típico até o fim. E aqui vamos fazer uma pausa para reflexão e inquérito. Por que Deus ordenou esse arranjo extraordinário? Os sacrifícios oferecidos neste edifício nunca poderiam tirar pecados. Por que então eles foram instituídos? Os sacerdotes que aqui ministravam eram tão imperfeitos que eles tiveram que oferecer por si mesmos. Por que então foi ordenado o sacerdócio? O próprio edifício era uma estrutura imperfeita e temporária, embora feita com a perfeição da arte humana. Por que então erguer essa estrutura? Certamente, Deus não faz nada em vão, e tudo isso é cheio de significado. O aluno da Bíblia também não consegue responder a essas perguntas. O edifício em si era apenas uma "figura da verdade", um "modelo das coisas nos céus." Os sacerdotes que lá ministravam serviram “como exemplo e sombra das coisas celestiais”, e os sacrifícios oferecidos ali, continuamente apontavam para o grande sacrifício que deve ser feito pelo pecado do homem. Essas grandes verdades são claramente declaradas em Heb. 8-10. Nós passamos agora da sombra para a substância. {1872 JNA, S23D 68.2}

O SANTUÁRIO TÍPICO DÁ LUGAR AO VERDADEIRO

1. O santuário da primeira aliança termina com essa aliança e não constitui o santuário da nova aliança. Heb. 9: 1, 2, 8, 9; Atos 7:48, 49.
2. Esse santuário era uma figura para a época presente ou para essa dispensação. Heb. 9: 9. Ou seja, durante a dispensação típica, Deus não abriu o verdadeiro tabernáculo; mas deu ao povo uma figura ou padrão disso.
3. Quando o trabalho do primeiro tabernáculo foi cumprido, foi aberto o caminho do templo de Deus no céu. Heb. 9: 8; Ps. 11: 4; Jer. 17:12.
4. O santuário típico e as ordenanças carnavais ligadas a ela durariam apenas até o tempo da reforma. E quando esse tempo chegou, Cristo veio, um sumo sacerdote de coisas superiores que viriam por um tabernáculo maior e mais perfeito. Heb. 9: 9-12.
5. A ruptura do véu do santuário terrestre com a morte de nosso Salvador evidenciou que os serviços foram concluídos. Mat. 27:50, 51; Marcos 15:38; Lucas 23:45.
6. Cristo declarou solenemente que ele seria deixado desolado. Mat. 23:37, 38; Lucas 13:34,35.
7. O santuário está conectado ao exército. Dan. 8:13. E o exército, que é a igreja verdadeira, não teve santuário nem sacerdócio na Velha Jerusalém no passado por 1800 anos, mas teve ambos no céu. Heb. 8: 1-6.
8. Enquanto o santuário típico estava em pé, era evidência de que o caminho para o verdadeiro santuário não tinha sido aberto. Mas quando seus serviços foram abolidos, o tabernáculo no céu, do qual era uma figura, tomou seu lugar. Heb. 10: 1-9; 9: 6-12.
9. Os lugares sagrados feitos com mãos humanas, as figuras ou os padrões das coisas nos céus foram substituídos pelos lugares sagrados celestiais. Heb. 9:23, 24.
10. O santuário, desde o início da missão do sacerdócio de Cristo, é o verdadeiro tabernáculo de Deus no céu. Isto é claramente afirmado em Heb. 8: 1-6. Esses pontos são evidência conclusiva de que o santuário da primeira aliança deu lugar ao santuário celestial da nova aliança. O santuário típico é abandonado e o sacerdócio é transferido para o verdadeiro tabernáculo. Agora, a menos que possa ser

alterado novamente do verdadeiro para o tipo, o antigo nunca será reconstruído. {1872 JNA, S23D 69.1}

EXPLICAÇÃO DE GABRIEL SOBRE O SANTUÁRIO

Mas a pergunta mais importante na mente do leitor é a seguinte: como Gabriel explicou o santuário para Daniel? Ele apontou para ele a transição da “figura” ou “padrão” para o “maior e mais perfeito tabernáculo”, os verdadeiros lugares sagrados? Nós respondemos, Ele respondeu.

1. Gabriel explica para Daniel que parte dos 2300 dias pertencia a Jerusalém e aos judeus. "Setenta semanas foram cortadas sobre o teu povo e a tua cidade santa. Dan. 9:24. Tradução de Whiting. Então todo o período de 2300 dias não pertence à antiga Jerusalém, o lugar do santuário terrestre, nem pertence aos judeus, o povo professo de Deus no tempo da primeira aliança.

2. Durante esse período de 70 semanas, a transgressão cessaria, isto é, o povo judeu deveria preencher sua medida de iniquidade rejeitando e crucificando seu Messias, e não seriam mais seu povo ou exército. Dan. 9:24; Mat.23:32, 33; 21: 33-43; 27:25.

3. Gabriel mostrou a Daniel que o santuário terrestre deveria ser destruído, logo após a rejeição do Messias, e nunca mais ser reconstruído, mas desolado até a consumação. Dan. 9:26, 27.

4. O anjo traz a nova aliança à visão de Daniel. "Ele [o Messias] deve confirmar a aliança com muitos por uma semana." Dan. 9:27; Mat. 26:28.

5. Ele traz à vista de Daniel a nova igreja da aliança, ou exército, a saber: os “muitos” com os quais a aliança é confirmada. Versículo 27.

6. Ele coloca em evidência o sacrifício da nova aliança, a saber: a morte do Messias, mas não para si mesmo. Verso 26. {1872 JNA, S23D 71.1}

E também o príncipe, ou mediador, da nova aliança. Versículo 25; 11:22; Heb. 12:24.

7. Ele traz para a visão de Daniel o santuário da nova aliança. Gabriel informou Daniel que antes do final das setenta semanas, que pertenciam ao santuário terrestre, o Santíssimo deveria ser ungido. Que este "Santíssimo" é o verdadeiro tabernáculo em que o messias deve officiar como sacerdote, oferecemos o seguinte testemunho: {1872 JNA, S23D 72.1}

“E ungir o Santíssimo; kodesh kodashim, o Santo dos Santos.” Adam Clarke. Dan. 9:24. {1872 JNA, S23D 72.2}

“Setenta semanas são determinadas sobre o teu povo e a cidade do teu santuário; para que o pecado possa ser contido e transgressão ter um fim; para que a iniquidade possa ser expiada, e uma justiça eterna trazida; que visões e profecias possam ser seladas, e o Santo dos Santos ungido.” A tradução de Dan de Boubigant. 9:24, como citado no comentário de Clarke. {1872 JNA, S23D 72.3}

"Ungir o Santíssimo. ' Hebraico, literalmente 'Santo dos Santos'. O próprio céu, onde Cristo foi consagrado, quando ele subiu e entrou, pelo sangue da aspersão, com seu próprio sangue por nós. " Restituição de Litch, página 89. {1872 JNA, S23D 72.4}

“E o último evento das 70 semanas, conforme enumerado no versículo 24, foi a unção do 'Santíssimo'. ou o 'Santo dos Santos' ou o 'Sanctum Sanctorum'. Não é o que estava na terra, feito com as mãos, mas o verdadeiro tabernáculo, o próprio céu, no qual Cristo, nosso sumo sacerdote, entrou por nós. Cristo deveria fazer no verdadeiro tabernáculo, no céu, o que Moisés e Arão fizeram em seu padrão. Ver Heb. 6; 7; 8; 9. E Ex.30: 22-30. Também Lev. 8: 10-15. ” —Advent Shield, No. 1, página 75. {1872 JNA, S23D 72.5}

O fato é claro, então, na visão de 2300 dias sobre o santuário, apenas 490 anos pertenciam ao santuário terrestre; e também a iniquidade do povo judeu até aquele momento em que Deus os deixaria, e a cidade e o santuário logo depois seriam destruídos, e nunca serão reconstruídos, mas deixados em ruínas até a consumação. E também é fato que Gabriel apresentou a Daniel uma visão do verdadeiro

tabernáculo (Heb. 8:12), que no final das 70 semanas substituiu o padrão. E quando o ministério do tabernáculo terrestre começou com sua unção, então no ministério mais excelente de nosso grande Sumo Sacerdote, o primeiro ato, como mostrado a Daniel, é a unção do verdadeiro tabernáculo, ou santuário, do qual ele é ministro. Ex. 40: 9-11; Lev. 8:10, 11; Num. 7: 1; Dan.9:24. {1872 JNA, S23D 72,6}

Portanto, é um fato estabelecido que o santuário terrestre da primeira aliança e o santuário celestial da nova aliança, são ambos adotados na visão dos 2300 dias. Setenta semanas são cortadas sobre o santuário terrestre, e no seu término o verdadeiro tabernáculo, com sua unção, seu sacrifício, e seu ministro, é apresentado. É interessante notar que a transferência do tabernáculo feito com as mãos, para o verdadeiro tabernáculo em si, que o Senhor erigiu, e não o homem, é colocado por Gabriel no mesmo ponto em que a Bíblia testifica que as coisas que eram sombra das superiores, cessaram, sendo pregadas na Cruz. Col. 2: 14-17. Onde a oferta de touros e bodes deu lugar ao grande sacrifício (Heb. 9: 11-14; 10: 1-10; Ps. 40: 6-8; Dan. 9:27); onde o sacerdócio levítico foi substituído pelo da ordem de Melquisedeque (Hb 5-7; Sl 110); onde o exemplo e a sombra das coisas celestiais foram encerrados por um ministério mais excelente que de sombras. Heb. 8: 1-6. E onde os lugares sagrados, que eram as figuras da verdade, foram sucedidas pelos verdadeiros lugares sagrados no céu. Heb. 9:23, 24. Na primeira parte deste artigo, vimos que Gabriel não explicou os 2300 dias e o santuário em Dan. 8. Agora vemos isso em Dan. 9, quando ele explica os dois. Com a explicação de Gabriel do santuário e do tempo, estamos inteiramente satisfeitos. {1872 JNA, S23D 73.1}

O SANTUÁRIO NO CÉU

“Ora, a suma do que temos dito é que temos um sumo sacerdote tal, que está assentado nos céus à destra do trono da majestade, Ministro do santuário, e do verdadeiro tabernáculo, o qual o Senhor fundou, e não o homem.” Heb. 8: 1, 2. “Um trono de glória, posto bem alto desde o princípio, é o lugar do nosso santuário.” Jer. 17:12; Apoc. 16:17; Sl. 11: 4. “Pois ele olhou para baixo da altura do seu santuário; do céu viu o Senhor a terra.” Sl. 102: 19. {1872 JNA, S23D 74,1}

O santuário celestial tem dois lugares sagrados

O seguinte testemunho sobre esse ponto é conclusivo. Reunimos isso do Antigo e do Novo Testamento, que na boca de dois ou três testemunhas toda palavra pode ser estabelecida.

1. O tabernáculo erigido por Moisés, após quarenta dias da instrução daquele mostrado a ele no monte, consistia em dois lugares sagrados (Ex. 26: 30-33), e é declarado como um padrão ou modelo correto daquele edifício. Ex. 25: 8, 9, 40, comparado com o cap. 39: 32-43. Mas se o santuário terrestre consistisse em dois lugares sagrados, e o grande original, do qual foi copiado, consistia em apenas um; em vez de semelhança, haveria perfeita dissimilaridade.
2. O templo foi construído todo de acordo com o padrão que Deus tinha dado a Davi pelo Espírito. 1 Cron. 28: 10-19. E Salomão, ao se dirigir a Deus, diz: “Tu tens ordenou-me que edificasse um templo no teu santo monte, e um altar na cidade em que habitas, semelhança com o santo tabernáculo que preparaste desde o princípio.” Sabedoria de Salomão 9: 8. O templo foi construído em uma escala maior e melhor que o tabernáculo; mas sua característica distintiva, como o tabernáculo, consistia no fato de ser composto de dois lugares sagrados. 1 Reis 6; 2 Cron.
3. Isto é prova clara de que o tabernáculo celestial contém a mesma divisão.
4. Paulo afirma claramente que “os lugares santos [plural] feito com as mãos” são as figuras [plural] do verdadeiro. E o tabernáculo e seus vasos são “Padrões de coisas no céu”. Heb. 9:23, 24. Essa é uma evidência direta de que, tanto o maior e mais perfeito tabernáculo, possuía dois lugares sagrados, como na “figura”, “exemplo” ou “padrão”.
5. O apóstolo realmente usa a palavra santos (plural), ao falar do santuário celestial. A expressão “santíssimo”, em Heb. 9: 8; 10:19, foi suposta por alguns para provar que Cristo começou a ministrar no lugar santíssimo em sua ascensão. Mas a expressão não é “hagia hagion”, santo dos santos, como no capítulo 9: 3; mas é simplesmente “santo”, santos. É a mesma palavra que é prestada santuário em

Heb. 8: 2. Em cada um desses três textos (Heb. 8: 2; 9: 8; 10:19), Macknight traduz a palavra por "lugares sagrados". A Bíblia de Douay usa "os santos". E assim aprendemos que o santuário celestial consiste em dois "lugares sagrados". {1872 JNA, S23D 74.2}

UTENSÍLIOS DO SANTUÁRIO CÉU

Nós notamos particularmente os utensílios do santuário terrestre e citamos o testemunho divino para mostrar que eram padrões da verdade no céu. {1872 JNA, S23D 75.1}

Isto é surpreendentemente confirmado pelo fato de que no santuário celestial encontramos utensílios semelhantes.

1. A arca do testamento de Deus e os querubins. Apoc. 11:19; Ps. 99: 1.
2. O altar de ouro do incenso. Ap 8: 3; 9:13.
3. O castiçal com as sete lâmpadas. Ap 4: 5; Zac. 4: 2.
4. O incensário de ouro. Ap 8: 3. Este santuário celestial é chamado por Davi, Habacuque e João, "o templo de Deus no céu" (Sal. 11: 4; Hab. 2:20; 11:19); A "santa habitação" de Deus (Zc. 2:13; Jer. 25:30; Rev. 16:17); "Maior e mais perfeito tabernáculo"(Heb. 9:11); "O santuário e o verdadeiro tabernáculo, que o Senhor erigiu, e não o homem." Heb. 8: 2. {1872 JNA, S23D 76.1}

A PASSAGEM DO SANTUÁRIO

Os agentes pelos quais o santuário é pisado são a desolação diária ou contínua, e a transgressão ou abominação da desolação. Dan. 8:13; 11:31; 12:11. Essas duas desolações, como já vimos, são o paganismo e papado. É frequentemente sugerido como argumento suficiente contra a visão do santuário de Deus no céu que tal santuário não é suscetível de ser pisado. Mas nós respondemos: Isso não é impossível, quando o Novo Testamento nos mostra que os homens maus (apóstatas) calcam sob os pés o ministro do santuário celestial, nosso Senhor Jesus Cristo. Heb. 10:29; 8: 1, 2. Se puderem pisar o ministro daquele santuário, então eles podem pisar o próprio santuário. Não é impossível que as desolações pagãs e papais sejam representadas como pisando o santuário do céu, quando a mesma visão representa o chifre como pisando as estrelas; Dan. 8:10; e quando se prevê expressamente que o poder papal deve guerrear contra o tabernáculo de Deus no céu. Ap 13: 5-7. A linguagem dessa visão, que esses poderes blasfemos devem lançar a verdade ao chão, pisar nas estrelas e pisar sob os pés o santuário e o exército são certamente figurativas, pois de outra forma envolveriam absurdos completos. {1872 JNA, S23D 76.2}

Vamos agora traçar brevemente a maneira pela qual Satanás, pelo paganismo e papado, pisou com os pés o santuário do Senhor. Já vimos que ele fez isso erguendo santuários rivais, onde, no lugar do único Deus vivo e verdadeiro, ele estabeleceu "novos deuses que surgiram recentemente". Deut. 32:16, 17. Nos dias dos juízes e de Samuel, o santuário rival de Satanás era o templo de Dagon, onde os filisteus adoravam. Juízes 16:23, 24. E quando tomaram a arca de Deus de Israel, os filisteus a depositaram neste templo. 1 Sam. 5. Depois que Salomão ergueu um santuário glorioso sobre o monte Moriá, Jeroboão, que fez Israel pecar, ergueu um santuário rival em Betel e assim afastou dez das doze tribos, da adoração ao Deus vivo para os bezerros de ouro. 1 Reis 12: 26-33; Amós 7:13, margem. Nos dias de Nabucodonosor, o rival do santuário de Deus era o templo do deus de Nabucodonosor na Babilônia. E neste templo ele carregou os vasos do santuário do Senhor, quando ele o deixou desolado. Dan. 1: 2; Esdras 1: 7; 5:14; 2 Cron. 36: 7. Ainda em um período posterior, Satanás estabeleceu em Roma, um templo ou santuário de "todos os deuses". Dan. 8:11; 11:31. {1872 JNA, S23D 77.1}

Depois que o santuário típico da primeira aliança deu lugar ao verdadeiro santuário de Deus, Satanás batizou seu santuário pagão de ritos e cerimônias pagãos, chamando-os de cristianismo. {1872 JNA, S23D 77.2}

Desde então, ele tinha em Roma um "templo de Deus", e naquele templo, um ser exaltado acima de tudo o que é chamado Deus ou que é adorado. 2 Tes. 2: 4. E essa abominação papal pisou com seus pés o santo (Ap. 11: 2; 21: 2), persuadindo grande parte da família humana de que Roma, o lugar desse templo falsificado de Deus, era "a cidade santa" ou "a cidade eterna". E pisou sob os pés e blasfemava o santuário ou tabernáculo de Deus (Ap 13: 6; Heb. 8: 2) chamando seu próprio santuário de templo de Deus, e afastando a adoração daqueles que habitam na terra, "do templo de Deus no Céu", para o santuário de Satanás em Roma. Pisou sob os pés o Filho de Deus, o ministro do santuário celestial (Hebreus 10:29; 8: 2), fazendo do papa a cabeça da igreja, em vez de Jesus Cristo 5:23), e levando os homens à adoração a esse "filho da perdição", como alguém capaz de perdoar pecados passados, e conferir o direito de guarda-los no futuro, e assim desviar os homens dAquele único que tem poder na terra para perdoar pecados e perdoar iniquidade e a transgressão. Essa tem sido a natureza da guerra que Satanás manteve contra o santuário e a causa de Deus, em suas vãs tentativas de derrotar o grande plano de redenção que Deus tem levado adiante em seu santuário. Apresentaremos a purificação do santuário de Deus no céu, é necessário observar brevemente o assunto. {1872 JNA, S23D 78.1}

MINISTRAÇÃO E PURIFICAÇÃO DO SANTUÁRIO TERRESTRE

Já mostramos que o santuário terrestre consistia em dois compartimentos sagrados e que era um padrão do verdadeiro tabernáculo de Deus no céu. Vamos agora apresentar, de uma maneira breve, o trabalho de ministração em ambos os lugares sagrados, e também a obra de purificação daquele santuário, no final de todos os anos, provando que esse ministério era o exemplo e a sombra da missão de Cristo, ministro mais excelente no verdadeiro tabernáculo. {1872 JNA, S23D 78.2}

O ministério no santuário terrestre foi realizado pela ordem levítica do sacerdócio. Ex. 28;29; Lev. 8; 9; Heb. 7. O ato, preparatório para o início do ministério naquele tabernáculo terreno, era a unção de seus dois lugares sagrados e de todos os seus utensílios sagrados. Ex. 40: 9; 30: 26-29; Lev. 8:10. Toda a obra dos sacerdotes nos dois lugares sagrados é resumida por Paulo da seguinte forma: "Ora, estando estas coisas assim preparadas, a todo o tempo entravam os sacerdotes no primeiro tabernáculo, cumprindo os serviços; Mas, no segundo, só o sumo sacerdote, uma vez no ano, não sem sangue, que oferecia por si mesmo e pelas culpas do povo." Heb. 9: 6, 7. A ministração no santuário terrestre é apresentada a nós em duas grandes divisões. Primeiro, o serviço diário no lugar santo, que consistia na oferta queimada regular de manhã e à noite (Êx 29: 38-43; Núm. 28: 3-8), a queima de incenso doce sobre o altar de ouro, quando o sumo sacerdote acendia as lâmpadas todas as manhãs e à noite (Êx 30: 7, 8, 34-36; 31:11), a obra especial nos sábados do Senhor e também nas reuniões dos sábados anuais, luas novas e festas (Núm. 28: 11-31; 29; Lv. 23), e além de tudo isso, o trabalho especial pelos indivíduos a fim de que apresentassem suas ofertas particulares ao longo do ano. Lev. 1-7. E segundo, o trabalho anual, no lugar santíssimo, pelos pecados do povo e pela purificação do santuário. Lev.16. Assim, cada um dos dois lugares sagrados teve seu trabalho apropriado designado. A glória do Deus de Israel se manifestou em ambos os compartimentos. Quando ele entrou no tabernáculo a princípio, sua glória encheu os dois lugares sagrados. Ex.40:34, 35. Ver também 1 Reis 8:10, 11; 2 Cron. 5:13, 14; 7: 1, 2. Na porta do primeiro apartamento, o Senhor levantou-se e conversou com Moisés. Ex. 33: 9-11. Nesse lugar, Deus prometeu se encontrar com os filhos de Israel, e santificar o tabernáculo com a sua glória. Ex. 29: 42-44; 30:36. No santíssimo, também, Deus manifestou sua glória de uma maneira especial. Ex. 25:21, 22; Lev. 16: 2. {1872 JNA, S23D 79.1}

No primeiro compartimento, os sacerdotes mantinham um curso contínuo de ministração para o povo. Aquele que tinha pecado, levava sua vítima até a porta deste local para ser oferecida por si mesmo. Ele colocava a mão sobre a cabeça da vítima para denotar que seu pecado foi transferido para ela. Lev. 1-3. Então a vítima era morta por causa dessa transgressão, e seu sangue, portando aquele pecado e culpa, levado ao santuário, e aspergido sobre ele. Lev. 4. Assim, ao longo do ano, essa ministração se repetia. Os pecados das pessoas eram transferidos de si mesmas para as vítimas

oferecidas em sacrifício e através do sangue dos sacrifícios, transferidos para o próprio santuário. {1872 JNA, S23D 80.1}

No décimo dia do sétimo mês, a ministração deixava o lugar santo, onde havia sido realizada ao longo do ano, para lugar santíssimo. Lev. 16: 2, 29-34. O sumo sacerdote entrava no lugar santíssimo com o sangue de um novilho, como oferta pelo pecado para si. Versículos 3, 6, 11-14. Ele então recebia dos filhos de Israel, dois bodes, para oferta pelo pecado. Sobre esses bodes ele lançava sortes; um seria para o Senhor, e o outro seria o bode expiatório. Versículos 5, 7, 8. {1872 JNA, S23D 80.2}

Em seguida, ele oferecia o bode, sobre o qual caía a sorte do Senhor, como uma oferta pelo pecado para o povo. {1872 JNA, S23D 81.1}

Mostraremos agora que ele ofereceu esse sangue para dois propósitos:

1. “Fazer expiação pelos filhos de Israel, por todos os seus pecados.”
2. Purificar ou "fazer expiação pelo santuário sagrado". Deixe-nos ler uma parte do capítulo: “Depois degolará o bode, da expiação, que será pelo povo, e trará o seu sangue para dentro do véu; e fará com o seu sangue como fez com o sangue do novilho, e o espargirá sobre o propiciatório, e perante a face do propiciatório. Assim fará expiação pelo santuário por causa das imundícias dos filhos de Israel e das suas transgressões, e de todos os seus pecados; e assim fará para a tenda da congregação que reside com eles no meio das suas imundícias. E nenhum homem estará na tenda da congregação quando ele entrar para fazer expiação no santuário, até que ele saia, depois de feita expiação por si mesmo, e pela sua casa, e por toda a congregação de Israel. Então sairá ao altar, que está perante o Senhor, e fará expiação por ele; e tomará do sangue do novilho, e do sangue do bode, e o porá sobre as pontas do altar ao redor. E daquele sangue espargirá sobre o altar, com o seu dedo, sete vezes, e o purificará das imundícias dos filhos de Israel, e o santificará. Havendo, pois, acabado de fazer expiação pelo santuário, e pela tenda da congregação, e pelo altar, então fará chegar o bode vivo. E Arão porá ambas as suas mãos sobre a cabeça do bode vivo, e sobre ele confessará todas as iniquidades dos filhos de Israel, e todas as suas transgressões, e todos os seus pecados; e os porá sobre a cabeça do bode, e enviá-lo-á ao deserto, pela mão de um homem designado para isso. Assim aquele bode levará sobre si todas as iniquidades deles à terra solitária; e deixará o bode no deserto... E isto vos será por estatuto perpétuo: no sétimo mês, aos dez do mês, afligireis as vossas almas, e nenhum trabalho fareis nem o natural nem o estrangeiro que peregrina entre vós. Porque naquele dia se fará expiação por vós, para purificar-vos; e sereis purificados de todos os vossos pecados perante o Senhor... Assim fará expiação pelo santo santuário; também fará expiação pela tenda da congregação e pelo altar; semelhantemente fará expiação pelos sacerdotes e por todo o povo da congregação. E isto vos será por estatuto perpétuo, para fazer expiação pelos filhos de Israel de todos os seus pecados, uma vez no ano. E fez Arão como o Senhor ordenara a Moisés. Versículos 15-22, 29, 30, 33, 34. {1872 JNA, S23D 81.2}

Aqui lemos vários fatos importantes.

1. No décimo dia do sétimo mês, a ministração mudava do lugar santo para o lugar santíssimo. Versículos 2, 29-34.
2. Que no lugar santíssimo era oferecido sangue pelos pecados do povo para fazer expiação por eles. Versículos 5, 9, 15, 17, 30, 33,34; Heb. 9: 7.
3. Que os dois lugares sagrados do santuário e também o altar de incenso eram purificados dos pecados do povo neste dia, que, como vimos, ao longo do ano o sangue era levado para o santuário, e aspergido sobre ele. Versículos 16, 18-20, 33; Ex. 30:10.
4. Que o sumo sacerdote, tendo removido os pecados do povo do santuário pelo sangue, leva-os até a porta do tabernáculo (Num.18: 1; Ex. 28:38) onde está o bode, e colocando as duas mãos sobre a cabeça do bode, e confessando sobre ele todas as iniquidades dos filhos de Israel e todos os seus pecados, ele os põe sobre a cabeça do bode, e o manda embora, com todas as suas iniquidades, para uma terra não habitada. Versículos 5, 7-10, 20-22.

O santuário foi assim purificado dos pecados do povo, e esses pecados foram levados pelo bode expiatório do santuário. O exposto acima apresenta, em nossa opinião, um esboço geral da ministração no santuário terrestre. As escrituras a seguir mostram que esse ministério era o exemplo e a sombra da fé no ministério de Cristo no tabernáculo no Céu: “Ora, a suma do que temos dito é que temos um sumo sacerdote tal, que está assentado nos céus à destra do trono da majestade, Ministro do santuário, e do verdadeiro tabernáculo, o qual o Senhor fundou, e não o homem. Porque todo o sumo sacerdote

é constituído para oferecer dons e sacrifícios; por isso era necessário que este também tivesse alguma coisa que oferecer. Ora, se ele estivesse na terra, nem tão pouco sacerdote seria, havendo ainda sacerdotes que oferecem dons segundo a lei, Os quais servem de exemplo e sombra das coisas celestiais, como Moisés divinamente foi avisado, estando já para acabar o tabernáculo; porque foi dito: Olha, faze tudo conforme o modelo que no monte se te mostrou. Mas agora alcançou ele ministério tanto mais excelente, quanto é mediador de uma melhor aliança que está confirmada em melhores promessas." Heb. 8: 1-6; Col. 2:17; Heb. 10: 1; 9:11, 12. {1872 JNA, S23D 82.1}

Os fatos expostos nesses textos são dignos de atenção cuidadosa.

1. Temos um Sumo Sacerdote nos céus.
2. Este Sumo Sacerdote é um ministro do santuário ou verdadeiro tabernáculo.
3. Como os sumos sacerdotes terrestres eram ordenados a oferecer sacrifício pelos pecados, é necessário que nosso Sumo Sacerdote tenha algo a oferecer por nós no santuário celestial.
4. Quando na terra, ele não era um sacerdote.
5. O ministério dos sacerdotes naquele tabernáculo, feito segundo o padrão da verdade, foi o exemplo e a sombra do ministério mais excelente de Cristo no verdadeiro tabernáculo em si.
6. Todo o serviço típico era uma sombra das coisas por vir.
7. No maior e mais perfeito tabernáculo, Cristo é um ministro dessas coisas excelentes. Com esses fatos diante de nós, consideremos agora um ministério mais excelente no templo de Deus no céu. {1872 JNA, S23D 83.1}

MINISTRAÇÃO E PURIFICAÇÃO DO CÉU SANTUÁRIO

No final dos cultos típicos, Aquele de quem Moisés na lei e profetas escreveu: Jesus de Nazaré veio e deu sua vida por nós. A morte do Senhor Jesus é o ponto de divisão entre as duas dispensações, pois pôs fim aos serviços típicos, e foi o grande fundamento de seu trabalho como um sacerdote no tabernáculo celestial. Sobre Jesus foi posta a iniquidade de todos nós, e ele levou nossos pecados em seu próprio corpo no madeiro. Isa. 53: 6; 1 Ped. 2:24; Heb. 9:28. Ele ressuscitou dos mortos para nossa justificação, e ascendeu ao céu para se tornar um grande Sumo Sacerdote na presença de Deus por nós. Rom. 4:25; Heb. 9:11, 12, 24. {1872 JNA, S23D 84.1}

O ministério no santuário celestial é realizado pela ordem do sacerdócio de Melquisedeque, na pessoa do nosso Senhor. Sl. 110; Heb. 5-8. Já provamos que o templo de Deus no céu consiste em dois lugares sagrados, como foi o tabernáculo terrestre; e que a ministração nos dois lugares sagrados do santuário terrestre era o exemplo e a sombra do ministério de Cristo no verdadeiro tabernáculo. Mas alguns argumentam que Cristo ministra apenas no lugar santíssimo do santuário celestial. Deixe-nos examinar este ponto. {1872 JNA, S23D 84.2}

1. Sua unção é o lugar mais santo do verdadeiro tabernáculo, no início de seu ministério, pode ser instado como prova de que ele ministra somente no segundo compartimento do santuário celestial. Dan. 9:24. Mas essa objeção desaparece imediatamente se considerarmos que antes do sacerdócio levítico começar a ministrar no santuário terrestre, todo aquele edifício, os lugares santo e santíssimo, e todos os utensílios sagrados, foram ungidos. Ex. 40: 9-11; 30: 23-29; Lev. 8:10; Num. 7:1. E quando essa unção foi realizada, esse ministério começou no primeiro compartimento. Lev. 8-10; Heb. 9: 6, 7. E essa ordem, lembre-se, era "o exemplo e a sombra das coisas celestiais." {1872 JNA, S23D 84.3}

2. Tem sido solicitado por alguns que o texto "este homem, depois de ter oferecido um sacrifício pelos pecados, para sempre sentou-se à direita de Deus" (Hb 10:12), proíbe a ideia de seu ministério nos dois lugares sagrados. Mas respondemos que, no que diz respeito à ideia de sentar, seria igualmente apropriado representá-lo como estando à direita do Pai. Atos 7:56. E se o Salvador está à "Mão direita do poder de Deus" ao descer do céu, como ele testemunha a respeito de si mesmo (Matt. 26:64; Marcos 14:62; Lucas 22:69), então ele certamente pode estar à direita do Pai, tanto no lugar santo como no santíssimo. Mas temos testemunho direto aqui. Paulo diz que Cristo é um "ministro do

santuário". Heb. 8: 2. Que a palavra "hagion", aqui apresentada como santuário, é plural, ninguém pode negar. É literalmente renderizado pela Bíblia Douay, "os santos". Conforme traduzido por Macknight, Heb. 8: 1, 2, diz o seguinte: "Agora das coisas superiores, temos um Sumo Sacerdote que se tornou um de nós, que sentou-se à direita do trono da Majestade nos céus, um ministro dos lugares sagrados, a saber, do verdadeiro tabernáculo, que o Senhor levantou, e não o homem. Tiramos duas conclusões do exposto: (1) Nosso Senhor pode ser um ministro dos dois lugares sagrados, e ainda assim estar à direita do Pai. (2) Ele deve ministrar nos lugares sagrados ou a linguagem de Paulo de que ele é um ministro dos santos ou lugares sagrados (plural), não é verdade. Um sumo sacerdote que deveria ministrar simplesmente no mais santo de todos, não é um ministro dos lugares sagrados. {1872 JNA, S23D 85.1}

3. Mas outro argumento para provar que Cristo ministra apenas no lugar santíssimo, tem sido solicitado por alguns, dos seguintes textos: "Dando nisto a entender o Espírito Santo que ainda o caminho do santuário não estava descoberto enquanto se conservava em pé o primeiro tabernáculo." Heb. 9: 8. " Tendo, pois, irmãos, ousadia para entrar no santuário, pelo sangue de Jesus." Heb. 10:19. Mas, como tem sido antes observado, a palavra traduzida como "santíssimo" é a mesma que é traduzida como "santuário" no capítulo 8:2 e não é "hagia hagion", santo dos santos, como no capítulo 9: 3, mas é simplesmente "hagion", santos, plural. A renderização de Macknight, que traduz corretamente a palavra no plural, remove todas as dificuldades. Ele traduz esses dois textos a seguir: "O Espírito Santo aponta isso, que o caminho dos lugares santos ainda não estava definitivamente aberto enquanto o primeiro tabernáculo ainda permanece." "Bem, irmãos, temos ousadia de entrar nos lugares santos, pelo sangue de Jesus." Esses textos, portanto, não favorecem a doutrina de que Cristo é um ministro de apenas um dos lugares sagrados. Com uma tradução literal da palavra, dando-a no plural em nossa linguagem, como foi escrito por Paulo, a objeção ao ministério de Cristo nos dois lugares sagrados do santuário celestial é totalmente removida. O caminho para os lugares sagrados do santuário celestial não estava aberto enquanto o ministério no tabernáculo terrestre existia, mas quando esse ministério foi abolido, o caminho dos lugares santos do céu foi aberto, e temos a ousadia de entrar pela fé, onde nosso Sumo Sacerdote está ministrando por nós. {1872 JNA, S23D 86,1}

Pode ser apropriado acrescentar que a frase traduzida "no lugar santo", em Heb. 9:12, 25 e "para o santuário", no capítulo 13:11, é o mesmo que no capítulo 9:24 e é literalmente traduzida no plural, "nos lugares santos. " Macknight os processa todos no plural. Então o tabernáculo celestial, onde nosso Senhor Jesus Cristo ministra, é composto de lugares santos, realmente como era seu padrão ou imagem, o tabernáculo terrestre; e nosso grande Sumo Sacerdote é um ministro daqueles lugares sagrados enquanto está à direita do Pai. {1872 JNA, S23D 86,2}

Vamos agora examinar as escrituras que apresentam a posição e o ministério de nosso Senhor no tabernáculo celestial. Em visão em Patmos, o discípulo amado tem uma visão do templo de Deus, o santuário celestial. Uma porta foi aberta no céu. Essa deve ser a porta do tabernáculo celestial, pois revelou à visão de João o trono de Deus, que estava naquele templo. Apoc. 4:1,2; 16:17; Jer. 17:12. Esta deve ser a porta do primeiro compartimento, a porta do segundo compartimento (que mostra a arca contendo os mandamentos) não é aberto até o som do sétimo anjo. Ap. 11:19. E na visão João estava olhando para o primeiro compartimento do santuário celestial, quando viu o Senhor Jesus pegar o livro da mão daquele que estava assentado no trono, é surpreendentemente confirmado pelo que ele viu diante do trono. Ele testifica que "havia sete lâmpadas de fogo acesas diante do trono, que são os sete espíritos de Deus." Ap 4: 5; Zac. 4: 2. Ele também viu o altar de ouro de incenso diante do trono, e testemunhou a ministração naquele altar com o incensário de ouro. Ap 8: 3. No tabernáculo terrestre, que era o padrão das coisas nos céus, o castiçal de ouro, com suas sete lâmpadas, e o altar de ouro do incenso, foram ambos representados, e pela direção expressa de Deus, colocados no primeiro compartimento. Num. 8: 2-4; Heb. 9: 2; Lev. 24: 2-4. Ex. 40: 24-27. O cenário dessa visão é o primeiro compartimento do santuário celestial. Aqui foi que João viu o Senhor Jesus. Ap 5: 6-8. {1872 JNA, S23D 87.1}

Vamos ler a descrição de Isaías deste lugar. "No ano em que morreu o rei Uzias, eu vi também ao Senhor assentado sobre um alto e sublime trono; e a cauda do seu manto enchia o templo. Serafins estavam por cima dele; cada um tinha seis asas; com duas cobriam os seus rostos, e com duas cobriam

os seus pés, e com duas voavam. E clamavam uns aos outros, dizendo: Santo, Santo, Santo é o Senhor dos Exércitos; toda a terra está cheia da sua glória. E os umbrais das portas se moveram à voz do que clamava, e a casa se encheu de fumaça. Então disse eu: Ai de mim! Pois estou perdido; porque sou um homem de lábios impuros, e habito no meio de um povo de impuros lábios; os meus olhos viram o Rei, o Senhor dos Exércitos. Porém um dos serafins voou para mim, trazendo na sua mão uma brasa viva, que tirara do altar com uma tenaz.” Isa. 6: 1-6. {1872 JNA, S23D 87,2}

Que isto era uma visão do tabernáculo celestial, e não do templo de Jerusalém, pode ser provado pela comparação com João 12: 39-41, com Isa. 6: 8-10. Palavras escritas por Isaías ao olhar para o templo de Deus, são citadas por João, com a declaração de que Isaías os falou enquanto contemplava a glória de Cristo. Que João e Isaías viram o mesmo lugar é evidente; ambos viram o trono de Deus, e aquele que está sentado sobre ele (Isa. 6: 1; Ap. 4: 2); ambos viram os seres vivos com seis asas (Isa. 6: 2; Ap. 4: 8); e ambos viram o altar de ouro diante do trono. Isa. 6: 6; Ap. 8: 3; 9: 13. Que João e Isaías viram nosso Senhor Jesus Cristo, nós já provamos. E a cena de suas visões estava no primeiro compartimento do santuário celestial, o lugar do castiçal de ouro com suas sete lâmpadas e o altar de ouro de incenso. E neste lugar nosso Sumo Sacerdote começou seu ministério, como os sacerdotes do exemplo e sombra das coisas celestiais. Na sombra, cada parte do trabalho foi repetida muitas vezes; mas na substância, cada parte é cumprida de uma vez por todas. De uma vez por todas, nosso cordeiro foi morto (Romanos 6: 9, 10; Heb. 9: 25-28); e de uma vez por todas, nosso Sumo Sacerdote aparece em cada um dos lugares sagrados. Heb. 9:11, 12, 24, 25. Portanto, nosso Senhor deve continuar sua ministração no primeiro compartimento até que chegue o período para sua ministração dentro do segundo véu, diante da arca do testamento de Deus. {1872 JNA, S23D 88.1}

Os pecados do mundo foram lançados sobre o Senhor Jesus, e ele morreu por esses pecados, de acordo com as Escrituras. O sangue do Cordeiro de Deus, que foi derramado por nossas transgressões da lei de Deus, é aquele pela qual nosso Sumo Sacerdote entra no santuário celestial (Heb. 9:12), e que, como nosso advogado, ele oferece por nós naquele santuário. Heb. 12:24; 1 Ped. 1: 2; 1 João 2: 1, 2. Seu grande trabalho, que começou com o ato de levar os pecados do mundo em sua morte, ele aqui leva adiante pleiteando a causa dos pecadores penitentes e apresentando a eles seu sangue, que havia sido derramado como grande sacrifício pelos pecados do mundo. O trabalho no santuário terrestre era essencialmente a mesma coisa. Os pecados foram lançados sobre a vítima, que foi morta. O sangue desse sacrifício, suportando aquela culpa, era aspergido no santuário para reconciliar o pecador. Lev. 4: 4-6. E assim, na sombra das coisas celestiais, vemos a culpa das pessoas transferidas para o próprio santuário. Isso pode ser facilmente compreendido. E é um fato claro que seu grande objetivo era dar um exemplo das coisas celestiais. Como o pecado daquele que veio a Deus pela oferta de sangue pelo sumo sacerdote, foi, através daquele sangue, transferido para o próprio santuário, isso ocorre na substância. Aquele que levou nossos pecados quando morreu, oferece por nós o seu sangue no santuário celestial. Mas quando ele volta, ele está “sem pecado” (Heb. 9:28); sua grande obra para a remoção do pecado está completamente concluída antes que ele volte. Agora investigamos a respeito da remoção dos pecados da igreja, ou exército do santuário. Vimos que apenas 490 dos 2300 anos pertenciam ao santuário terrestre e que os 1810 anos restantes pertenciam ao verdadeiro santuário, que Gabriel apresenta a Daniel em sua explicação no capítulo 9; conseqüentemente, o santuário a ser purificado dos pecados da igreja, ou exército, no final dos 2300 anos, é o santuário celestial. Nós também examinamos as partes da Bíblia que explicam como e por que o santuário terrestre foi purificado e veremos que essa limpeza é realizada, não pelo fogo, mas pelo sangue. Nós vimos que essa obra foi ordenada com o propósito expresso de ocultar a obra do santuário celeste. E também vimos que os pecados daqueles que vêm a Deus através de nosso grande Sumo Sacerdote é comunicado ao santuário, como foi o caso no tipo. Mas nós não somos deixados sem testemunho direto sobre este ponto importante. O apóstolo Paulo declara o fato da purificação dos santuários terrestres e celestiais, e afirma claramente que estes devem ser purificados pela mesma razão que o primeiro tinha sido. Ele fala da seguinte maneira: “E quase todas as coisas, segundo a lei, se purificam com sangue; e sem derramamento de sangue não há remissão. De sorte que era bem necessário que as figuras das coisas que estão no céu assim se purificassem; mas as próprias coisas celestiais com sacrifícios melhores do que estes. Porque Cristo não entrou num santuário feito por mãos, figura do verdadeiro, porém no mesmo céu, para agora comparecer por nós perante a face de Deus.” Heb. 9: 22-24. Dois fatos importantes são declarados nesta parte das Escrituras. **1.** O santuário terrestre foi purificado pelo sangue. **2.** O santuário celestial deve ser purificado por melhor sacrifício, isto é, pelo

sangue de Cristo. Está claro, então, que a ideia de limpar o santuário pelo fogo não tem suporte na Bíblia. {1872 JNA, S23D 88,2}

Essas palavras, como traduzidas por Macknight, são muito claras: "E quase todas as coisas, de acordo com a lei, são limpas com sangue e sem derramamento de sangue, não há remissão. Havia uma necessidade, portanto, que as representações dos lugares santos nos céus fossem purificadas por esses sacrifícios; mas o santo celestial se coloca por sacrifícios melhores que estes. Portanto, Cristo não entrou nos lugares santos feitos com as mãos; as imagens dos verdadeiros lugares sagrados; mas no céu agora, para aparecer diante do rosto de Deus, por nós." Heb. 9: 22-24. Então o fato da limpeza do santuário celestial é claramente ensinado pelo apóstolo Paulo em seus comentários sobre o sistema típico. E essa grande verdade, claramente declarada, é digna de lembrança duradoura. {1872 JNA, S23D 90.1}

Para muitos, a ideia da purificação do santuário celestial será tratada com desprezo "porque", dizem eles, "não há nada no céu para ser purificado". Tais negligenciam o fato de que o santo dos santos, onde Deus manifestou sua glória, e na qual ninguém, a não ser o Sumo Sacerdote, podia entrar, era, de acordo com a lei, era purificado, porque os pecados do povo eram transferidos para ele pelo sangue da oferta pelo pecado. Lev. 16. e eles negligenciam o fato de que Paulo testifica claramente que o santuário celestial deve ser purificado pela mesma razão. Heb. 9:23, 24. Ver também Col. 1:20. Era impuro apenas nesse sentido: os pecados dos homens haviam sido levado através do sangue da oferta pelo pecado, e eles devem ser removidos. Este fato pode ser entendido por toda mente. {1872 JNA, S23D 90.2}

O trabalho de limpeza do santuário muda a ministração do lugar santo para o santíssimo. Lev. 16; Heb. 9: 6, 7; Rev. 11:19. Quando o ministério no lugar santo do templo no céu começou imediatamente após o fim do sistema típico, ao final das sessenta e nove semanas e meia (Dan. 9:27), então o ministério no lugar santíssimo, no santuário celestial, começa com o término do 2300 dias. Então nosso Sumo Sacerdote entra no lugar santíssimo para purificar o santuário. O término deste grande período marca o início do ministério do Senhor Jesus, no santíssimo. Este trabalho, como apresentado no tipo, já vimos com um duplo propósito, a saber: o perdão da iniquidade, e a purificação do santuário. E esta grande obra que nosso Senhor realiza com seu próprio sangue; seja pela apresentação real ou em virtude de seus méritos, não precisamos parar para perguntar. {1872 JNA, S23D 91.1}

Ninguém pode deixar de perceber que esse evento, a limpeza do santuário, é de importância infinita. Isto é realizado pela grande obra do Messias no tabernáculo no céu, e a completa o trabalho de purificação do santuário sendo sucedido pelo ato de colocar os pecados, assim removidos sobre a cabeça do bode expiatório, para ser levado para sempre do santuário. O trabalho de nosso Sumo Sacerdote pelos pecados do mundo será então completado e ele estará pronto para aparecer "sem pecado para a salvação". O ato de colocar os pecados sobre a cabeça do bode, do tipo já foi notado. Lev. 16: 5, 7-10, 20- 22. {1872 JNA, S23D 91.2}

As seguintes observações valiosas sobre esse ponto importante são da caneta do ORL Crozier, escrita em 1846: {1872 JNA, S23D 92.1}

*** O BODE EXPIATÓRIO** —O próximo evento daquele dia, após a limpeza do santuário, foi colocar todas as iniquidades e transgressões dos filhos de Israel no bode expiatório e enviá-lo para uma terra não habitada ou de separação. Supõe-se por quase todos que este bode tipificou Cristo em alguns de seus ofícios, e que o tipo foi cumprido no primeiro advento. Desta opinião devo diferir, porque: **1.** Aquele bode não foi mandado embora senão depois que o sumo sacerdote tivesse terminado a purificação do santuário. Lev. 16:20, 21. Portanto, esse evento não pode atingir seu antítipo até depois do final dos 2300 dias. **2.** Foi enviado de Israel ao deserto, uma terra não habitada, para recebê-lo. E se nosso bem-aventurado Salvador é seu antítipo, ele também deve ser mandado embora, não apenas seu corpo, mas alma e corpo (como bode era enviado vivo), não para dentro de seu povo; nem para o céu, pois isso não é um deserto ou terra não habitada. **3.** Recebeu e reteve todas as iniquidades de Israel; mas quando Cristo aparecer na segunda vez, ele estará "sem pecado". **4.** O bode recebeu as iniquidades das mãos do sacerdote, e ele o mandou embora. Como Cristo é o

sacerdote, o bode deve ser outra coisa além de si mesmo que ele pode mandar embora. **5.** Este foi um dos dois bodes, escolhidos para aquele dia, dos quais um era do Senhor, e foi oferecido como oferta pelo pecado; mas o outro não foi chamado do Senhor nem oferecido como sacrifício. Este tinha o único ofício de receber as iniquidades do sacerdote, depois de limpar o santuário delas, e carregá-las para uma terra não habitada, deixando o santuário, o sacerdote e o povo para trás e livres de suas iniquidades. Lev. 16: 7-10, 22. **6.** O nome hebraico do bode expiatório, como será visto na margem do versículo 8, é Azazel. Neste verso, Jenks, em seu livro, tem as seguintes observações: Bode. Veja opiniões diferentes em Bochart. Spencer, depois da opinião mais antiga dos hebreus e cristãos, pensa que Azazel é o nome do diabo; e então Rosenmuller, a quem vê. O siríaco tem Azzail, o anjo (forte) que se revoltou. **7.** Na aparição de Cristo, conforme ensinado em Apocalipse 20, Satanás deve ser preso e lançado no poço do abismo, que atuam e colocam um lugar significativo simbolizados pelo antigo sumo sacerdote enviando o bode para um deserto separado e desabitado. **8.** Assim, temos na escritura, a definição do nome em duas línguas antigas, ambas faladas ao mesmo tempo, e a opinião mais antiga dos cristãos a favor de considerar o bode expiatório como um tipo de Satanás. No uso comum do termo, os homens sempre associam com algo malvado, chamando refugiados da justiça, bodes. Ignorância da lei e seu significado é a única origem possível que pode ser atribuída à opinião de que o bode expiatório era um tipo de Cristo. {1872 JNA, S23D 92.2}

“Porque é dito: 'O bode levará sobre ele todas as suas iniquidades para uma terra não habitada' [Lev. 16:22], e João disse: 'Eis o Cordeiro de Deus, que tira [margem] o pecado do mundo'. conclui-se sem pensar melhor que o primeiro era o tipo do último. Mas um pouco de atenção para a lei mostrará que os pecados foram levados do povo para o sacerdote e do sacerdote para o bode.

1. Eles são transmitidos à vítima. **2.** O sacerdote os levou com o sangue ao santuário. **3.** Depois limpando-o deles, no décimo dia do sétimo mês, ele os levou ao bode expiatório. **4.** Finalmente o bode os levou para além do arraial de Israel até o deserto. {1872 JNA, S23D 93.1}

“Esse foi o processo legal e, quando cumprido, o autor dos pecados os receberá novamente (mas o ímpio levará seus próprios pecados), e sua cabeça terá sido machucada pela semente da mulher; 'o homem forte armado' terá sido preso por um homem mais forte do que ele, e sua casa (a sepultura) e seus bens, dados os santos. Matt. 12:29; Lucas 11:21, 22. ** {1872 JNA, S23D 93.2}

A grande obra da expiação será a conclusão da obra de nosso Senhor como sacerdote. Os pecados daqueles que obtiveram perdão através da grande oferta pelo pecado, são, no final da obra de nosso Senhor apagados dos lugares sagrados, (Atos 3:19), e transferidos para o bode, sendo levados embora do santuário e do exército para sempre, repousando sobre a cabeça de seu autor, o diabo. O Azazel, ou bode-expiatório antitípico, então receberá os pecados daqueles que foram perdoados no santuário, e no lago de fogo sofrerá pelos pecados que ele instigou. O povo de Deus, o exército, estará então livre para sempre de sua iniquidade. “Quem é injusto, seja injusto ainda; e quem é sujo, seja sujo ainda; e quem é justo, seja justificado ainda; e quem é santo, seja santificado ainda. E, eis que cedo venho, e o meu galardão está comigo, para dar a cada um segundo a sua obra.” Ap. 23:11, 12. “E a vós, que sois atribulados, descanso conosco, quando se manifestar o Senhor Jesus desde o céu com os anjos do seu poder, Com labareda de fogo, tomando vingança dos que não conhecem a Deus e dos que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo.” 2 Tes. 1: 7, 8. {1872 JNA, S23D 93.3}

CAUSA DE NOSSO DESAPONTAMENTO

* Por que foram desapontados os que esperavam Jesus em 1844? Esta questão importante, acreditamos, pode ser respondida da maneira mais satisfatória. Nossa decepção não surgiu por ter confundido o início das 70 semanas. O argumento pelo qual a data original é sustentada é, como já dissemos visto, invulnerável. Nossa decepção também não surgiu de um erro em acreditar que as 70 semanas formam um parte dos 2300 dias; pois toda parte desse argumento, como mostramos, ainda permanece boa. Estes dois pontos suscetíveis da prova mais clara, não nos enganamos em acreditar que os 2300 dias terminaram no sétimo mês judaico de 1844. Nem nossa decepção surgiu por acreditar

que no final dos 2300 dias, o trabalho de limpeza do santuário ocorreria; pois estava claramente declarado, “Até 2300 dias; então o santuário será purificado.” {1872 JNA, S23D 94,1}

Mas quando dissemos que esta terra, ou parte dela, era o santuário, e que Cristo deveria descer do céu no final dos 2300 dias, para purificar a terra pelo fogo, procuramos aquilo que os Bíblia não nos garantia que esperássemos. Aqui estava a causa de nossa decepção. Pois vimos que lá não há autoridade bíblica para apoiar a visão de que qualquer parte da terra é o santuário ou que a queima da terra, e o derretimento dos elementos (2 Pedro 3), é a purificação do santuário. Por uma multidão de testemunhas, provamos que o tabernáculo de Deus é o santuário a ser purificado e que sua purificação é um trabalho realizado naquele santuário, com sangue e não com fogo. Nossa decepção, então, surgiu de um mal-entendido do trabalho a acontecer no final dos dias. {1872 JNA, S23D 94,2}

Nossa evidência estabeleceu dois pontos: **1.** O fato de o santuário ser purificado no final de 2300 dias, e que eles terminem no sétimo mês de 1844. **2.** Os tipos no exemplo e sombra das coisas celestiais, colocou diante de nós a obra do sumo sacerdote no sétimo mês, a saber: seu ato de passar do lugar santo para o santíssimo, para purificar o santuário. Nós argumentamos que, como o cordeiro pascal, morto no décimo quarto dia do primeiro mês, encontrou seu antítipo na morte do Cordeiro de Deus naquele dia (Êx 12: 3-6, 46; 1 Cor. 5: 7; João 18:23; 19:36); e a oferta das primícias no décimo sexto dia daquele mês, encontrou seu antítipo na ressurreição de Cristo, naquele dia, sendo o primeiro frutos daqueles que dormiam (Lev. 28:10, 15; 1 Cor. 15:20, 23; Mat. 28: 1, 2); e a festa de Pentecostes cumpriu seu antítipo no dia de sua ocorrência {1872 JNA, S23D 94.3}

(Lev. 28: 15-21; Atos 2: 1, 2); assim, a purificação do santuário no sétimo mês (Lev. 16); naquela hora no ano em que os 2300 dias terminariam, acreditávamos que atingiria seu antítipo no final desse período. {1872 JNA, S23D 95.1}

Poderíamos então ter entendido o assunto do santuário celestial, e nossa decepção teria sido evitado. Nossas evidências não provam que nosso Sumo Sacerdote desceria do lugar santo do santuário celestial, em fogo flamejante para queimar a terra, no final dos 2300 dias; mas tão longe disso, provam que ele deveria, naquele tempo, entrar no segundo véu, para ministrar por nós diante da arca de Deus e purificar o santuário. Dan. 8:14; Heb. 9:23, 24. Essa tem sido a posição de nosso Sumo Sacerdote desde o fim dos dias, e é por isso que não contemplamos nosso rei em 1844. Ele tinha ministrado em apenas um dos lugares santos, e o término dos 2300 dias marcou o início de seu ministério no outro. Por acreditar em um santuário literal no céu, consistindo de dois lugares sagrados reais, e que nosso Sumo Sacerdote, enquanto está à direita do pai, é ministro de ambos esses lugares sagrados, somos classificados como espiritualizadores por nossos inimigos. Por essa cobrança injusta, apelamos ao juiz de toda a terra, que fará o que é certo. {1872 JNA, S23D 95.2}

Quando João, que viu a porta do primeiro compartimento do tabernáculo celestial, se abriu no início do ministério de Cristo, foi levado em visão ao longo do tempo até “os dias da voz do sétimo anjo”, ele viu o lugar santíssimo do templo de Deus aberto. E o templo de Deus foi aberto no céu, e viu em seu templo a arca do seu testamento; e havia relâmpagos, e vozes, e trovões, e um terremoto, e grande granizo.” Ap. 11:19. aqui, pela arca do testamento de Deus, é onde nosso sumo sacerdote ministra, desde o final dos 2300 dias. Por esta porta aberta no santuário celestial (Ap. 8: 7, 8; Isa. 22: 22-25), convidamos aqueles a virem para perdão e salvação, a fim de não desprezarem o dia da graça. Nosso Sumo Sacerdote fica ao lado do propiciatório (o topo da arca), e aqui ele oferece seu sangue, não apenas para a purificação do santuário, mas também para o perdão da iniquidade e transgressão. Mas enquanto chamamos os homens para esta porta aberta, e os apontamos para o sangue de Cristo, oferecido por nós no propiciatório, lembramos da LEI DE DEUS embaixo daquele propiciatório, o que tornou necessária a morte do amado Filho de Deus para que o homem culpado fosse perdoado, e que arca contém os mandamentos de Deus, e aquele que receber a bênção de Deus, das mãos de nosso Sumo Sacerdote, deve guardar os mandamentos contidos na arca, antes da qual ele ministra. Muitos afirmam que Deus aboliu sua lei; mas isso está tão longe da verdade, que essa lei ocupa o lugar mais escolhido no céu. É notado que “justiça e juízo”, são a habitação do trono de Deus. Sl. 89:14; 97: 2; Ap. 11:19. {1872 JNA, S23D 95.3}

Duas das mensagens de Ap. 14, foram dadas antes do final dos 2300 dias em 1844, quase todos os crentes do advento uma vez admitiram. O terceiro anjo, com os mandamentos de Deus e a fé de Jesus, dá a última mensagem de misericórdia, enquanto nosso Sumo Sacerdote ministra por nós diante da arca que contém os mandamentos. Enquanto ele está ministrando, o exército, ou igreja, aguarda a conclusão do grande trabalho, a eliminação de seus pecados. Eles estão “no último fim da indignação”, que ocupa um espaço de tempo, como é evidente em Dan. 8:19. {1872 JNA, S23D 96.1}

O fim da mensagem do terceiro anjo é marcado pelo Filho do Homem assumindo sua posição sobre a Nuvem branca. Ap. 14: 9-14. A última mensagem de misericórdia será encerrada e não haverá intercessor entre um Deus ofendido e um homem culpado e ofensivo. Os anjos com os frascos da ira de Deus, que são agora contidos pelo ministério de nosso grande Sumo Sacerdote, sairão do templo de Deus e derramarão os frascos de ira não misturada sobre a cabeça de todos os ímpios. As pragas, o terremoto e a grande saraiva, “pedra do peso de um talento”, acontecerão; os inimigos de Deus serão destruídos, e o chifre pequeno será quebrado sem mão. Ap. 15; 16; 11:19; Dan. 12: 1; 8:25.

O santuário e o exército serão justificados, e todo o poder oponente será derrotado por uma ruína irrecuperável. {1872 JNA, S23D 96.2}

Além deste tempo de angústia, como nunca houve, as cenas da terra fizeram nova ascensão diante de nós. No meio daquele paraíso de Deus, onde seus santos permanecerão, contemplamos seu glorioso santuário. (Eze.37; Ap. 21: 1-4); e aqui ficamos contentes, se formos do número que deve servir a Deus naquele templo, para todo o sempre. Ap. 7: 13-15. Os pontos de vista proféticos de Moisés e de Natã, a respeito do santuário, será então plenamente realizado; o Senhor reinará para todo o sempre, e Israel será plantado, para nunca mais ser removido. Ex. 15; 2 Sam. 7. {1872 JNA, S23D 96.3}

Leitor, você escaparia das coisas que estão chegando à terra? A voz de aviso do terceiro anjo aponta o caminho. Saiba por si mesmo que você tem interesse pessoal nesse trabalho que nosso sumo sacerdote está consumando seu ofício diante da arca do testamento de Deus, e quando ele voltar novamente, será sem pecado para sua salvação. Pedimos-lhe, não dê ouvidos à voz daqueles que quebram o mandamento, e ensinam aos homens fazer assim; pois em breve eles receberão sua recompensa; mas sim una-se com aqueles que os ensinam e guardam, e você terá a vida eterna e a entrada gratuita através dos portões da santa cidade.** {1872 JNA, S23D 96.4}